

PATHOS

Σ

Volume 05, número 03, Junho 2017.

ISSN 2447-6137

NESTA EDIÇÃO

CRACOLÂNDIA, MORALIDADE E ESPETÁCULO:
INGREDIENTES DE UM DEBATE VICIADO

PRENÚNCIO DO HORROR NA "CRACO"

A TENDA COMO ESPAÇO ABERTO DE ACOLHIMENTO

E MUITO MAIS!





SUMÁRIO

Sobre a Pathos	04
----------------------	----

<i>Cracolândia, moralidade e espetáculo: ingredientes de um debate viciado.....</i>	<i>05</i>
---	-----------

Liandro Lindner

RELATOS DE PRÁTICA

Prenúncio do horror na "Craco"	05
--------------------------------------	----

Paulo Faria

A tenda como espaço aberto de acolhimento	09
--	----

Helena Pompeu de Toledo Sampaio, Odimar Edmundo dos Reis, Zélia Maria Ferrari Paiva Ribeiro Pagliaride.

O sentido da escola ou a escola sem sentido.....	15
---	----

Adriana Borges de Araujo

ARTIGOS

Um pedaço mínimo é sempre o espelho do todo: reflexões de um estudo de caso através do olhar winnicottiano	31
---	----

AGATHA MAYER COMPANI, DANIELLE RIBEIRO DA SILVA

ATUAÇÃO DO PALHAÇO EM HOSPITAIS E A INFLUÊNCIA NA HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO	45
---	----

ANDRÉ TOLDO LIMA, JACKELINE ADORNO VIEIRA, DANUTA MEDEIROS

UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE OS LAÇOS AFETIVOS NA MODERNIDADE E A INFLUÊNCIA DE APLICATIVOS NA CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS	45
--	----

SEÇÃO CONJUNTURA

Clínica Aberta de Psicanálise.....	77
------------------------------------	----

Nossos sentimentos	78
--------------------------	----

Carta-manifesto em relação às mudanças do ensino na FMU ".....	79
---	----

SOBRE A PATHOS

A Revista Pathos é uma iniciativa independente de seus editores, com publicações semestrais e que recebe textos em português nas áreas da saúde, educação, assistência social e jurídica a partir de diferentes enfoques teóricos e categorias profissionais. Ela surgiu do desejo de um grupo de profissionais que atuam nessas redes, tendo como objetivo oferecer um espaço dedicado à publicação sobre as práticas oriundas desses campos de atuação. Trata-se, portanto, de um espaço que foi pensado para dar voz aos trabalhadores e permitir o compartilhamento de suas reflexões sobre as experiências de seu dia a dia de trabalho. O escopo desta revista é a produção de saberes sobre a práxis e, desse modo, "práticas públicas" e "psicopatologia" implicam o tencionamento das dimensões prático-teóricas, considerando aquilo que afeta o campo de nossas práticas profissionais em seu dinamismo ético, clínico e político.

EDITORES

ADRIANA SIMÕES MARINO Lattes

ANDREIA ALVES. Lattes

CRISTIANO RODINELI DE ALMEIDA. Lattes

DANIELLE ANTONELLI Lattes

RICARDO RENTES Lattes

www.revistapathos.com.br





Cracolândia, moralidade e espetáculo: ingredientes de um debate viciado



Baixar artigo

Moralidade é uma palavra dúbia. Se por um lado revela uma forma de ver a vida e as relações, tentando normatizá-las para evitar o caos, por outro pode ser utilizada como medida de imposição, restrição, exclusão e seleção entre dignos e indignos. O atual debate sobre as drogas no Brasil parece estar apoiado nesta última concepção. O crescimento de um ambiente conservador se reflete em quase tudo o que nos rodeia, mas de forma mais intensa em questões já tradicionalmente visadas e, de modo mais drástico, em determinadas populações historicamente colocadas à margem ou apontadas como a causa dos males sociais.

Na região central de São Paulo está um quadrilátero, conhecido como Cracolândia. Ali, próxima a terrenos valorizados, propriedade de grandes empresas, se “encontrava” uma aglomeração humana de pessoas. A maioria em situação de rua, distante dos serviços públicos, cada um com uma história de vida e uma parte usuária contumaz de alguma droga, sobretudo o crack. O grupo foi crescendo e incomodando pela sua presença, chegando ao ponto de que ações do poder local tivessem que ser implantadas. O cenário estava montado para um debate amplo, mas, como tudo que acontece no Brasil atualmente, a polarização dominou o andamento das discussões. A chamada Cracolândia se tornou mais do que um local de uso de drogas ao ar livre, virou um ícone simbólico de como lidar com o uso de drogas e, além disto, uma referência sobre a forma com que os governos tratam os mais desprovidos de tudo e os renegados por todos.

Um ator fundamental na formação de uma opinião genérica sobre este assunto tem sido a mídia. Sem qualquer aprofundamento, notícias filtradas, calcadas em suposições e sem aprofundamento são jogadas diariamente à população. Desta forma, o usuário é apresentado como alguém perigoso, cuja simples presença na via pública pode acarretar um dano ao patrimônio ou à vida dos outros. A apresentação de histórias de vida, elemento jornalístico muito utilizado nestas pautas, indica quase sempre o mesmo modelo de narrativa: problemas familiares, falta de força de vontade, abandono e situação dramática. Muitas vezes, o final destes personagens acaba tendo um modelo de “salvação”, em geral apresentado por alguma organização religiosa ou por representações dos governos, assumindo um caráter caritativo. A montagem destes relatos evidencia o gosto pelo espetáculo que os meios de comunicação alimentam e parte da sociedade se delicia devorando.

A junção da moralidade com o espetáculo parece dominar a atual resposta pública aos usuários de crack naquela região de São Paulo. Enquanto em outros pontos da cidade o uso acontece de forma evidente, causando preocupações locais, é para ali, no centro, que os olhares e as câmeras se dirigem. O simbolismo do “fim da Cracolândia”, anunciado com sonoridade grave pela gestão atual, significa muito mais a execução de uma ação higienista e de repercussão midiática do que um ato efetivo de cuidado e recuperação dos direitos.

Do ponto de vista semântico, a denominação do atual programa social para a área: “Redenção”, revela muito. Com profunda conotação religiosa o termo se liga à libertação de algo que o prende, de livramento de uma situação danosa, de adesão a um plano maior que lhe apresenta um modo de viver melhor. Intimamente ligado ao conceito arcaico de caridade – onde um ser maior estende a mão a um ser decadente e o puxa para o caminho da luz – a expressão não considera o conhecimento e os saberes dos principais atingidos: os próprios usuários.

Reduzidos a corpos magros e sem brilho, envoltos em trapos e cobertores entregues nestes tempos frios, as pessoas que vivem e transitam na região não fazem parte da formulação de políticas voltadas para elas mesmas. São apenas alvos onde os dardos da experimentação são jogados e, muitas vezes, estes acabam por atingir seus pontos vitais, evidenciando a intenção camuflada de eliminação destes grupos do raio do olhar de quem frequenta a área central da maior cidade do Brasil.

Mas, mesmo diante de tudo isto, a resistência existe.

Os recentes episódios envolvendo a locomoção destes grupos de um local para outro conseguiu mobilizar uma rede de solidariedade e atuação política que fez o caso reverberar além daquelas fronteiras. Profissionais de saúde e outras áreas, ativistas, religiosos, membros de organizações não governamentais, intelectuais e outros grupos se mobilizaram e, além de buscar amenizar as dores causadas, construíram um espaço de valorização da autoestima e de participação dessas pessoas. Ali, além de trocas e construções, uma forma diferente de política é exercitada, onde o ponto de vista para a busca de solução parte da valorização humana.

A situação da Cracolândia evidencia uma forma seletiva de lidar com os usuários de drogas. A motivação está calcada no possível mal-estar que a presença deles causa, e não no uso de drogas em si. Este acontece em todos os pontos da cidade: nas periferias distantes e nos bairros nobres. A diferença está na qualidade da droga, causadora de um dano menor, e principalmente no entorno em que ela é usada. A moralidade seletiva e direcionada, no entanto, aponta o dedo para os mais distanciados do padrão exigido, tornando-os alvo da truculência e do abandono.

Prenúncio do horror na "Craco"



Baixar artigo





Paulo Faria

paulofaria.faroeste@yahoo.com.br

Diretor e dramaturgo Pessoal do Faroeste

www.pessoaldofaroeste.com.br

Hoje a lua cheia está em escorpião. Da agudo. Durante a manhã a nossa sala de ensaio foi invadida pelos sons dos helicópteros. Sentíamos que o pior devia estar começando no fluxo. O Doria começou o extermínio dos usuários de crack debaixo dos nossos olhos. Eugenia e fascismo sempre andaram lado a lado. Não há mais meias verdades. Está estampado. Serão mortos. Um tanto a cada dia. Hoje foram uns.

Ontem a Rede Globo pautou uma matéria que só legitimava a ação que, aqui, estávamos esperando desde janeiro, e que a "Craco" Resiste está de plantão na cracolândia para garantir os direitos dessa comunidade e protegê-la.

Pela manhã todo o ensaio foi carregado de uma energia que nos atravessa num lugar muito sensível. Tudo estranho. Tudo atrapalhado. Na segunda parte do ensaio, estávamos na sala de cima fazendo análise de texto, quando barulhos de bombas e vozes de socorro encheram a nossa inspiração. Ficou difícil respirar. Vamos pras janelas. No meio da Rua do Triunfo, na quadra onde o cinema imperava em outros tempos, eram as viaturas da polícia que vinham na contramão. Na esquina da Gusmões um grupo de usuários era atingido por bombas. Logo a fumaça tomou conta de toda a nossa quadra. Trabalhadores, moradores e usuários de crack correndo pra todo lugar. Se escondendo pelas portas que eram encerradas. No largo as gangorras ainda estavam em movimento. Pouco antes a praça estava cheia de crianças. Em frente ao pensionado de idosos, que fica colado ao Teatro, a cena era ainda mais pavorosa. Um senhor tentava colocar a chave na porta quando passou pela sua cabeça uma bomba que caiu ao seu lado, mais uma e outra. Grito pra ele entrar. Nesse instante temos que fechar todas as janelas e portas, pois o gás de pimenta entra em todo o teatro. Pela primeira vez, fechamos todas as nossas portas e interrompemos os nossos trabalhos. Nos abraços, choramos. Todos em pânico. Nunca antes tinha vivido as cenas de uma ditadura. Não é mais somente um golpe, vivemos uma ditadura, um clima de guerra. Gritos. Bombas. Helicópteros, viaturas, cavalarias.

Vou até o fluxo pra ver o que aconteceu. A cena é Guernica. No meio a fumaça do fogo, que queimou barracas, um homem é retirado com a perna quebrada. Escuto que alguém morreu. Não sei quantos. Alguém lamenta a morte de seus gatos queimados dentro da barraca.

A polícia agiu sem nenhum motivo. Saiu atirando, jogando bomba. Por quê? De quem partiu a ordem? Não é difícil saber. Dois carros queimados na esquina da Barão de Capanema. Os carros são velhos, deviam ser de moradores dos cortiços, onde as crianças assustadas estavam paralisadas, algumas contando com ardor a ação da polícia.

Deste cenário um homem sai entoando um blues que cita Cristo em seu lamento. Apocalíptico. Toda a quadra em frente a tenda do Braços Abertos foi queimada. Todos os trabalhadores abandonaram os seus postos. Assim como o Recomeço. Revoltante. Na Dino Bueno a quadra já estava ocupada de novo pelos usuários. Todos muito violentos. Não foi possível entrar no fluxo. Na Helvetia alguns esticam plásticos em cima das cinzas quentes e a fumaça. Perderam a razão. O inferno. Como estão por dentro?

A cidade deve ter sido invadida. Não sei a extensão dos danos na região. Parte da Santa Efigênia estava fechada. Mas cruelmente o entorno retoma a rotina. Parece que nada aconteceu. Acostumou-se à violência desse lugar. Nada pode parar.

Hoje, dia 10, dia de guerra, onde escorpião nos enlouquece, uivamos atônitos pra uma lua vermelha. Dia em que toda a mídia está focada em Curitiba. Um dia trágico. Tudo armado pra não ocupar os espaços de comunicação. Mas não tem como não noticiar esse dia tão cruel em que doentes foram tratados com bombas e violência na cidade de São Paulo. Que tempos são esses? Triste tudo o que perdemos aqui. Todo o desmonte que o Dória e o Alckmin estão fazendo na cidade de São Paulo, alinhados ao golpista Temer e seus 40 ladrões.

O Brasil foi roubado por políticos. Chama o ladrão. Lua cheia em escorpião.
Boa tarde, ditadura!



**Helena Pompeu de
Toledo Sampaio**
helenapts@terra.com.br
Assistente Social e psicóloga

Odimar Edmundo dos Reis
odimared17@gmail.com
Enfermeiro

**Zélia Maria Ferrari
Paiva Ribeiro Pagliarde**
zeliapagliarde@yahoo.com.br
Assistente Social

RELATO DE PRÁTICA

A TENDA COMO ESPAÇO ABERTO DE ACOLHIMENTO



Baixar artigo

Foto: Michel Marques

A Tenda é a porta de entrada do Programa De Braços Abertos. É um local de aconchego que reúne diferentes atores sociais envolvidos em uma diversidade de ações e que tem por objetivo acolher pessoas em situação de alta vulnerabilidade social, principalmente as que permanecem na cena de uso de crack e outras drogas, no território da Luz. A Tenda é onde construímos ações coletivas de cuidado, legitimando assim o nosso papel de promotores de cidadania. Na Tenda, a ótica do cuidado confere um significado mais amplo e integral ao ato de cuidar, antepondo-se às formas de produção de sofrimento social, físico, psíquico e espiritual.

A promoção do vínculo com os usuários, através da implementação de práticas de acolhimento, da busca ativa de casos, e da atuação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) e dos orientadores sociais, são consideradas potencializadoras do cuidado direcionado às necessidades dos usuários. A escuta seguida de orientação e dos possíveis encaminhamentos traz satisfação para o usuário e resolubilidade às suas questões. Neste sentido, o acolhimento ao usuário e o bom relacionamento com a comunidade são valorizados na medida em que esclarecem o usuário quanto às rotinas, procedimentos, fluxos e limites de atendimento.

A TENDA tem também como objetivo desencadear uma maior integração entre trabalhadores e usuários, além de estabelecer vínculos e relações de cooperação e corresponsabilidade na consolidação do trabalho. Essa integração tem implicado em diálogo entre os profissionais das várias secretarias e os usuários que procuram a tenda.

O acolhimento e o diálogo tornam-se, então, fundamentais nas práticas cotidianas, integrando diferentes sujeitos, articulando diferentes espaços de cuidado e ampliando as possibilidades de trânsito pela rede. Com isso, a ênfase desloca-se de uma abordagem instrumental para uma abordagem mais relacional, priorizando a materialidade e a substancialidade do encontro.



Dessa forma o diálogo apresenta-se como um elemento de mediação entre o sujeito e a rede de atenção disponível. A compreensão do acolhimento se amplia, convertendo-se num lugar de encontro entre trabalhadores e usuários, que reporta tanto para um espaço físico disponível para o cuidado como para um espaço simbólico de relações sociais e de diferentes percepções de demandas de cuidado.

Nesse sentido, a Tenda se constitui como um local de exercício da alteridade, onde além de reconhecer o outro na sua singularidade, considera a lógica do sujeito, legitimando seus pontos de vista e suas necessidades. Além disso, desafia a integrar a voz do outro nos processos de escolhas e deliberações sobre as práticas do cotidiano de trabalho.

Sendo a porta de entrada do Programa, a Tenda é o local onde o vínculo é consolidado e fortalecido. Tornou-se um local de referência para os usuários. Isso nos possibilita acompanhar o seu processo de desenvolvimento e dar-lhe o suporte necessário no que se refere às suas questões de vida. Nessa perspectiva, o acolhimento se evidencia como um processo contínuo que visa garantir a efetividade das estratégias de redução de danos.

F.O. "Agradeço muito esse programa, pois eu era uma pessoa que vivia na sarjeta. Usava muita maconha, e pedra. Às vezes também traficava. Agora, sou outra pessoa. Deixei de usar tanto a maconha como a pedra. Agora, tenho um companheiro de verdade e minha vida mudou para melhor. Não quero mais ser o que fui no passado".

Este desenho pressupõe a existência de conflitos que, para serem gerenciados é necessário que haja uma escuta ativa, qualificada e resolutiva no acolhimento, para que os encaminhamentos sejam adequados.



O trabalho na tenda onde a qualidade da escuta é fundamental possibilita aos profissionais que aqui trabalham um aprendizado marcante, não somente enquanto experiência profissional, mas principalmente para o seu autoconhecimento através da perspectiva do outro. Nas nossas relações interpessoais somos inclinados, na maioria das vezes, a julgar as pessoas pela nossa ótica querendo saber o que é melhor para elas tendo por base os nossos valores. Quando aprendemos que ouvir e escutar não são as mesmas coisas e que a escuta qualificada é uma das ferramentas mais importantes para um acolhimento adequado, nos damos conta da possível miopia de nossos pontos de vista, e que nem sempre o que pensamos contempla o desejo do outro.

A.C.D. "Tô cansada de apanhar, perdi todos os meus dentes. Uso muito crack e bebo, mas preciso arrumar meus dentes. Não quero me tratar no CAPS, preciso arrumar meus dentes. Só quando eu arrumar meus dentes tiver os meus dentes de volta, é que eu vou me tratar e retornar para minha família. Tenho muita vergonha de como eu estou acabada. Eu não saí assim da minha casa".

Logo no início de sua gestão, o prefeito Fernando Haddad, preocupado com a situação de alta vulnerabilidade dos usuários da cena de uso de crack e outras drogas no território da Luz, pediu à saúde que fosse viabilizada a implantação de um equipamento, talvez um CAPS naquela região para o atendimento daquela população.

A exclusão social e a falta de integralidade do cuidado são desafios recorrentes no repensar das políticas públicas. As pessoas que sofrem de transtorno mental e os usuários/dependentes de substâncias psicoativas, mesmo com as alternativas contempladas pela reforma psiquiátrica encontram ainda grande dificuldade no encaminhamento de suas questões sociais e de saúde, enfrentando a discriminação social e o preconceito. Daí a necessidade de se adequar o modelo assistencial tal como propõe o Programa "De Braços Abertos", que visa contemplar as reais necessidades da população garantindo um atendimento equânime e de qualidade, em consonância com os princípios do SUS.

"Eu conheci todas as drogas que vocês possam imaginar. Quando cheguei à Cracolândia, cinco anos atrás, a gente via muita coisa ruim acontecer. Temos que reagir contra essa doença. Eu não parei de usar, mas eu diminuí muito o meu uso", disse R. P. A. "Hoje, nós temos o privilégio de ter um amparo muito grande. Mas não basta a gente ter todo esse resguardo, temos que dar um retorno".

Observamos que o uso de drogas está associado à criminalidade, a práticas antissociais, à oferta de “tratamentos” inspirados em modelos de exclusão/separação dos usuários do convívio social.

Tendo em vista a complexidade desse cenário, e considerando que as demandas desta população não se restringem unicamente às questões de saúde, pensamos então na viabilização de uma nova estrutura diferenciada de um CAPS, que pudesse acolher os usuários em suas necessidades de forma integral.

Nessa perspectiva, em 22 de julho de 2013 a Tenda De Braços Abertos iniciou então suas atividades com o objetivo de acolher essas pessoas que viviam na cena de uso de crack, na região dos Campos Elísios, conhecida como “Cracolândia”.

P. C. T. L. ex-beneficiário do “De Braços Abertos”, contou como venceu a dependência química e incentivou os demais. “Eu estou limpo há um ano e meio. Eu não uso mais álcool e estou longe do crack. Eu estou tentando retomar a minha vida, resgatar a minha cidadania aos poucos. Eu tirei minha habilitação novamente, minha carteira de identidade, minha carteira profissional. É possível a gente ficar longe do crack, mas é preciso um pouco de boa vontade. Vocês estão no caminho certo”.

No início dos trabalhos, mais exatamente nas primeiras duas semanas, foram realizadas tarefas de contato direto com as pessoas em situação de rua, usuárias ou não de substâncias psicoativas, moradores locais com residência fixa, e do comércio local.

Sentimos a necessidade de realizar encontros com os mesmos no espaço físico do equipamento, com o objetivo de ouvir e entender suas necessidades, reivindicações e a própria história que os trouxe a este território.

Como os usuários não sabiam a que vínhamos, a resistência foi bem significativa na questão do seu acesso à tenda. Assim, resolvemos servir o achocolatado no período da manhã e a sopa do meio dia, que foram elementos facilitadores no processo de construção do vínculo.

Foram realizadas então, assembleias, uma cada semana, onde os usuários colocaram suas solicitações mais imediatas como, ajuda na alimentação, na higiene pessoal, em pequenos cuidados médicos, na saúde bucal e na questão do trabalho. Bem como foi escolhido pelos mesmos em decisão democrática pelo voto o nome do equipamento: DE BRAÇOS ABERTOS que viria a ser homologado, oficializado e mais tarde contemplado como o nome do programa.

Logo no início da abertura da Tenda pudemos contar também com o apoio de profissionais de outras instâncias que desenvolviam junto aos usuários técnicas de medicina alternativa, como, Tai chi, Lee An Cun e Acupuntura com o intuito de melhorar do estado de saúde física e mental dos participantes, oferecendo um espaço de escuta empática, valorizando suas queixas de saúde e suas questões existenciais, num trabalho pautado na ética, na confiança, com privacidade e respeito com vistas à construção do vínculo. O processo terapêutico é centrado nas necessidades e disponibilidades de casa usuário. O número de atendimentos é flexível e depende do percurso de cada um dos participantes. Nas consultas procura-se estimular os recursos e talentos individuais com a finalidade de estimular a autoestima e os processos de subjetivação. Progressivamente, os vínculos vão se fortalecendo e se colocam a serviço dos processos de cuidado da saúde e de redução dos danos causados pela relação com as drogas.

G.G. paciente jovem, colostomizada em data indefinida anterior a 2010, com necessidade de reversão da colostomia, porém resistente às abordagens realizadas na época em função de utilizar o orifício da cirurgia para manter relações sexuais por dinheiro. Na época a usuária ainda era adolescente e era tutelada por um “pai de rua” que a explorava sexualmente e também mantinha relações sexuais com a mesma. Em um trabalho articulado e acompanhado pela Tenda conseguiu-se após longo processo de sensibilização da usuária, e de envolvimento de vários profissionais, reverter a colostomia. Após alguns meses de acolhimento na Tenda constatamos a existência de inúmeros casos de violência contra a mulher. Contamos então com a participação da Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres, onde discutimos e planejamos as estratégias de condução desses casos.

Com base nessas discussões a Secretaria das Mulheres decidiu que seria de grande valia uma capacitação para os profissionais que trabalham no território.

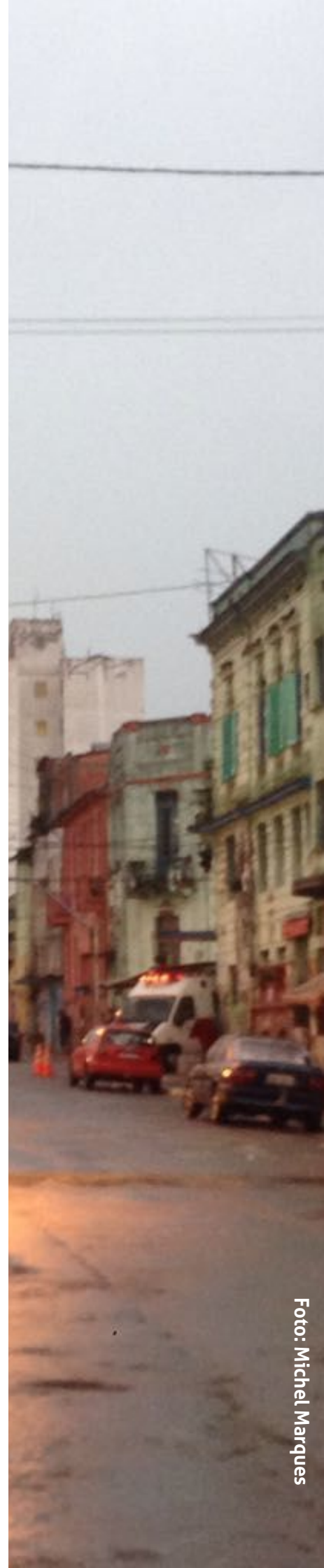


Foto: Michel Marques

O treinamento teve duração de três meses possibilitando aos profissionais uma maior compreensão da problemática enfrentada por essas mulheres e de como atuar nesses casos.

Em maio de 2014 observamos um aumento significativo de mulheres gestantes e com problemas ginecológicos. Resolvemos então discutir a questão com a Coordenadoria de Saúde Mental, chegando à conclusão que seria necessário e prudente a vinda de um médico ginecologista para que junto ao consultório na rua, pudesse orientar e encaminhar essas gestantes. Surgiu assim, o grupo de gestantes que contava também com a participação de outros serviços do território. Estabeleceu-se um protocolo de atendimento, onde o agente de saúde e o agente social fariam a sensibilização das mulheres para os tratamentos, em especial das gestantes para o pré-natal, e a busca ativa das mesmas quando necessário. A equipe especializada faria atendimento semanal para avaliar e acompanhar cada caso, ofertando avaliação de saúde mental, suporte psicológico e acompanhamento da gestante de alto risco. O Amparo Maternal disponibilizou os leitos para as gestantes e a acolhida das mesmas por um período de até seis meses. O agente social ficou com a responsabilidade de orientar as usuárias quanto aos direitos das mães junto à Vara da Infância e do Conselho Tutelar.

A Tenda D.B.A. localizada estrategicamente próxima à casa de uso no território da Luz é a porta de entrada não somente dos usuários que desejam ingressar no Programa como também daqueles que procuram o local como um espaço de escuta das suas necessidades de saúde e sociais. Nesse contexto, a Tenda se constitui como um espaço essencial e principal de acolhimento onde se privilegia o usuário na sua subjetividade, num processo de responsabilização e resolutividade de suas demandas sociais e de saúde, conferindo um caráter humanitário ao atendimento e de qualificação da escuta.

A implantação da Tenda De Braços Abertos mobilizou a participação da sociedade civil, da Rede Social do Centro, das ONGS, cada qual com um tipo de contribuição, seja nas oficinas de caráter artístico-cultural, esportivas, de higiene pessoal, espiritual, ou mesmo através da oferta de alimentos e roupas.

As oficinas de música são as mais procuradas. Entre os participantes encontramos vários usuários de talento ou mesmo muitos que já trabalharam como músicos, instrumentistas e compositores. Nesse gênero, a tenda oferece as oficinas de Roda de Samba, Rima, Rádio e Hip Hop.

Ainda no gênero artístico seguem as oficinas de: Arteterapia, Grafite, Tatuagem, Pintura em Azulejo, Pintura em Pano de Prato, a de Confecção de Palhacinhos e a Oficina de Mandalas.

R.L.M. "Na vida a gente anda no caminho do bem, mas a gente acaba desviando pelo caminho do mal. Mas a vida é assim, de altos e baixos. Mas a gente não se ferra na vida, porque Deus é sempre conosco, mesmo caminhando pelo vale das sombras. Assim é minha história resumida pelo desenho. Obrigada por vocês existirem na minha vida". "A gente vive com o bem e com o mal. Deus é que dá a inteligência". – Fala de um usuário após uma das oficinas de pintura em azulejos.

Na modalidade esportiva, a tenda oferece as oficinas de: Futebol, Vôlei, Basquete, Skate, Ping-Pong, Perna de Pau, e ainda as de jogos de mesa: Dominó, Trilha e Dama.

Uma oficina de grande interesse dos usuários, que integra arte, cultura e esporte, e onde se desenvolve um trabalho de corpo e mente, é a Roda de Capoeira, que acontece alternadamente dentro do espaço da tenda ou na rua junto à cena de uso.

O "Dia da Beleza" acontece mensalmente oferecendo às mulheres: lavagem de cabelo, corte, escova, unha e maquiagem. Os homens também cuidam de sua higiene e estética, quando, quinzenalmente lhes são oferecidos o Corte de cabelo e Corte de unhas: mãos e pés.

Ainda na perspectiva da reinserção social, acontecem as atividades além da tenda, que preveem a participação dos usuários em eventos culturais, como, as visitas monitoradas ao Teatro Municipal, Sala São Paulo, Pinacoteca, Arena Corinthians (Itaquerão), Visita aos CEUs com participação das crianças, MASP, Jardim Zoológico, dentre outros.

A atividade do "Vamos ao Cinema" acontece semanalmente às quartas-feiras, com monitoria dos estagiários diaristas de Psicologia, em parceria com o CAPS Itapeva que mediu esse acordo com o Espaço Itaú de Cinema, junto ao Shopping Frei Caneca.

Outro evento com participação significativa dos usuários é o da Virada Cultural. Em 2014 a Secretaria da Cultura com a Curadoria do Grupo Faroeste montou um palco do "De Braços Abertos", na esquina das ruas Helvétia e Dino Bueno onde vários usuários puderam cantar ou tocar seus instrumentos.

As oficinas e as demais atividades realizadas são instrumentos importantes enquanto estratégias de Redução de Danos para o dependente químico, uma vez que, além de se manter temporariamente fora do uso do crack e de outras substâncias psicoativas, ele tem a oportunidade de se redescobrir e expressar suas potencialidades, estimular e exercitar suas capacidades de atenção e concentração, com possibilidade de reconstruir-se, numa tentativa de sobrevivência psíquica e de minimização de sua dor. Na sua maioria, as oficinas são realizadas por profissionais da Saúde e da Assistência Social que trabalham no espaço da tenda, incluindo os Redutores de Danos das equipes do CAPS na Rua, cuja atuação no território tem sido bastante significativa. Outras oficinas são feitas por voluntários e outros coletivos, e ainda outras por profissionais contratados.

Em 2014 a Tenda De Braços Abertos foi convidada pela Rede Social do Centro a participar do evento Rua Cidadã, do qual várias secretarias também participam. Os usuários fizeram uma participação no palco com apresentação de música e dança com orientação de um coordenador. Também contamos com a participação de 20 beneficiários que colaboraram na varredura da rua onde aconteceu o evento.

Outra atividade importante realizada na Tenda por iniciativa da Coordenadoria de Saúde Mental é o grupo do Emprego Apoiado. Teve início em 2014 com uma equipe multiprofissional, com reuniões semanais para os usuários em questão. O objetivo é prepará-los e encaminhá-los para o emprego formal. Logo no início foi estabelecida uma parceria com a empresa de limpeza Guima e trinta beneficiários foram encaminhados. Desde então, contatos são realizados com diferentes empresas, e os beneficiários encaminhados e acompanhados por profissionais da Saúde e da Assistência Social.



Pela singularidade do Programa “De Braços Abertos”, a Tenda recebe visita de inúmeros profissionais do município de São Paulo e de municípios de outros estados brasileiros, profissionais de outros países, assim como, de autoridades e personalidades internacionais.

Dentre tantas visitas recebidas no espaço da Tenda salientamos a vinda do Consulado Britânico em preparação para a visita do príncipe Harry que ocorreu dias depois. Recebemos também a visita da Sra. Esperanza da Secretaria Antidrogas do Uruguai, Senador Eduardo Suplicy, Revista Veja, Secretaria Estadual da Cultura, Secretaria Estadual da Justiça, Ministério da Saúde, Equipe da SENAD, Prefeito de Amsterdam, Defensoria Pública, Fiocruz, Fernando Haddad e equipe, visita de Caco Barcelos para preparação da profissão repórter, visita do caricaturista e fotógrafo Márcio Ramos, fotógrafo italiano Mirko, que após algum tempo passou a fazer um trabalho fotográfico voluntário junto aos usuários, nos arredores do fluxo e hotéis. Visita da igreja evangélica de Chicago - EUA, visita dos alunos do curso sobre Cuidados Comunitários de diversos países da América do Sul, Professor da USP – Regis de Oliveira com 20 alunos de mestrado, Equipe da Maternidade Vila Nova Cachoeirinha, vinda do Dr. Júlio Máximo tocando saxofone junto com os usuários, banda do Daniel Renovado, colunista Laerte, Karl Hart, show do cantor e na época secretário Netinho de Paula, visita da Soninha Francine, show do Supla, seu irmão João com a participação especial do seu pai Eduardo Suplicy, evento realizado e patrocinado por Eduardo Cobra com pintura de painéis de grafite, gravação do Programa CQC com o senador Eduardo Suplicy, Open Society, Revista Marie Claire, Delegação da África do Sul, Repórter da Alemanha – Maira Bühler, BBC Brasil, Jornal Leberacion da França, Igreja de Diadema, Comissão de Vereadores da Câmara Municipal de São Paulo, Secretaria da Assistência Social de São José dos Campos, COMUDA e delegação da Itália, entre outros.



Foto: Michel Marques

Outra atividade realizada na Tenda é o acolhimento de estudantes/profissionais para estágio de observação e para conhecimento dessa realidade tão peculiar. Esses estudantes são das Faculdades/Universidades: Mackenzie, Osvaldo Cruz, USP, UNIFESP, UNINOVE, UFSCAR, entre outras.

Recebemos também os profissionais do Programa Percursos Formativos do Ministério da Saúde em parceria com a Secretaria Municipal da Saúde - Coordenadoria de Saúde Mental. Também acolhemos grupo de residentes de diversas formações, de outros estados brasileiros.

A Tenda foi também laboratório para os atores que atuaram no seriado da TV Globo "Verdades Secretas", que através de sua experiência junto ao território puderam compor seus personagens de uma forma mais fidedigna e passar ao público uma visão que fosse o mais próximo possível da realidade.

A Tenda participou do Programa São Paulo Carinhosa, recebendo a primeira dama, Dra. Ana Estela, que veio conversar com as gestantes e trouxe enxovais para os bebês. Outro momento foi com as crianças filhas dos beneficiários do Programa de Braços Abertos, que tiveram a oportunidade de fazer alguns passeios por São Paulo como: CEU Meninos onde passaram parte do dia nas piscinas; contação de história por Kiara Terra e Noemi Jaffe – Oficinas Literárias, tarde na Biblioteca Mario de Andrade. O objetivo do Programa São Paulo Carinhosa é articular, coordenar, divulgar e ampliar as ações realizadas no município de São Paulo para a promoção do desenvolvimento integral da primeira infância. A abordagem integral a esta questão nas políticas públicas inicia-se no planejamento familiar, no planejamento da concepção, na fase pré-natal, e segue do nascimento ao longo de todo o processo do desenvolvimento infantil.

Em 2016, a Tenda passa por uma reforma, onde foi construída uma sala multiuso, usada pelas equipes de Consultório na Rua e Orientadores Sociais da SMADS, para atendimento dos usuários, e muitas vezes, para fazer reuniões de equipe. Também construíram: bebedouros, tanques para lavagem as roupas, varais, gazebo com uma mesa grande, o que possibilitou a melhora na execução das oficinas, uma lavanderia que funciona como extensão da frente de trabalho do Programa De Braços Abertos, um almoxarifado e um armário para armazenar roupas de doação. Houve também melhorias na parte interna: administração, cozinha e dispensa.

Após a implantação do Programa De Braços Abertos, pudemos observar uma mudança não somente nos hábitos, mas também no comportamento dos beneficiários. Percebemos que a partir do momento que essas pessoas se apercebem que estão sendo acolhidas de forma carinhosa e humana onde a preocupação está focada em resgatar a sua autoestima e a sua cidadania há muito esquecidas, começam a se dar conta de que estão vivos e de que a vida pode oferecer novas oportunidades. Assim, sobrevém o desejo de se tratarem, não só das drogas, como também da pele, do cabelo e das unhas. Eles voltam para a vida.

P.P.P. "Bebia muito e usava bastante pedra. Só queria saber de farra. Brigava e xingava muito as pessoas. Agora com a mudança para um outro hotel e com meu parceiro e minha filha, tudo mudou. Sou grata ao Programa pois fui valorizada. Pessoas me ouviram e me ajudaram. Não quero mais voltar para o fluxo".

Estar na Tenda, vivenciar a Tenda, trabalhar na Tenda, não são experiências fáceis, porém, extremamente marcantes. É um aprendizado sem volta. Porque você se depara com a fragilidade do outro e com a fragilidade da vida estampando as suas próprias fragilidades. Na Tenda, não há rotina, não existem protocolos, não existe sossego. E você se repensa dia após dia. As perdas são muitas e você sofre. Os sucessos, nem tanto, mas você se alimenta deles e fica feliz porque mostram que tudo pode ser possível. Por trás de cada um desses rostos existe uma história. E a cada história o seu arcabouço se desfaz e se refaz novamente. O trabalho acontece em eterno gerúndio. O próximo instante é desconhecido. E o futuro é o próximo instante. Acreditamos fazer o certo dentro do incerto. A única certeza que podemos ter é a de que cada uma dessas pessoas estará indelevelmente tatuada no escaninho das nossas almas. Para sempre.



Foto: Michel Marques

O SENTIDO DA ESCOLA OU A ESCOLA SEM SENTIDO?



Baixar artigo

Adriana Borges de Araujo

dricaborga@yahoo.com.br

*Psicóloga do Centro de Referência da
Assistência Social do município de Diadema/SP.*

A escola, depois da família, é a instituição que proporciona a socialização dos sujeitos, permitindo que façamos parte de um outro grupo. Assim, os contatos sociais passam a fazer parte do cotidiano de muitas crianças. É uma fase de descobertas, que podem gerar diversos sentimentos e sensações, como: entusiasmo, medo, alegrias, desapontamentos, ou seja, traz a convivência humana.

Lembro da minha experiência nos primeiros anos escolares como algo grandioso, mas, ao mesmo tempo, tenebroso, pois a figura do adulto ainda permanecia nesse ambiente, o que, em muitos momentos, proporcionava medo, angústia diante da autoridade com sua figura poderosa, dedo em riste, distribuindo ordens e tarefas incessantemente. É claro que não tive apenas lembranças ruins, porém sobre os primeiros anos não consigo me recordar de fatos agradáveis, a não ser os que passei com os meus pares, também colegas de classe. Contudo, não quero me ater à minha vivência, mas relatar uma outra que presenciei no período em que atuei como psicóloga por apenas três meses nas escolas de um município do litoral norte paulista.

Aliás, minha trajetória profissional prevaiente foi no setor da assistência social: atuei durante dois anos como técnica psicóloga numa Ong do município de São Paulo, dois anos como educadora social no Centro de Referência Especializada na Assistência Social (CREAS) de um município da Grande São Paulo e, atualmente, atuo como Psicóloga na Proteção Básica de um dos municípios do Grande ABC paulista.

Como minha experiência maior foi em outra área, o setor da educação foi algo bastante novo e, por isto, desafiador. Neste trabalho com as escolas, fazíamos parte de equipes de profissionais: fonoaudiólogos, psicopedagogos e psicólogos e realizávamos visitas diariamente a aproximadamente dezesseis instituições durante o mês, sendo que em algumas, a periodicidade era quinzenal e, em outras, mensal.

No cotidiano, me deparei com diversas situações e casos complexos, bem como diferentes estruturas de organização do corpo escolar, docentes, coordenadores e direção. A proposta de acompanhamento era institucional, todavia, a escola nos cobrava uma posição clínica, desejando que cada caso fosse analisado individualmente. Como se não bastasse a confusão existente na própria proposta de trabalho, estava também instalada a dificuldade em relação ao nosso papel.

Diante desse cenário, fazia uma tentativa de esclarecimento da nossa atuação, o que se transformava num trabalho de persuasão, de convencimento da inviabilidade da proposta clínica e da possibilidade de intervenção institucional. Desta forma, as resistências, as dificuldades de mudança, e os diversos questionamentos eram constantes. Mas, meu método de trabalho estava traçado: observações em sala de aula, entrevistas com família, professores... E, foi especialmente em sala de aula que pude reviver os momentos agradáveis dentro do ambiente escolar, mas também os desapontamentos que esta instituição pode provocar na vida escolar de uma criança.

Em uma das instituições, foi-me apresentado um 'caso' de uma criança do quarto ano do ensino fundamental, que possuía dificuldades de alfabetização. Esta criança em outras disciplinas se desenvolvia muito bem, mas quando chegava a tal da Língua Portuguesa, a confusão se instalava e a criança não conseguia prosseguir. A direção e a coordenação relatavam o caso com certa perplexidade, dizendo que já tinham feito de tudo, mas não conseguiam que a criança lesse e escrevesse. Sendo assim, o que mais precisavam era de um diagnóstico, dizendo qual seria o 'problema' dessa criança.

De acordo com o exposto, fui à sala de aula realizar a observação, e o que vi foi uma criança quieta, com relativa comunicação com seus colegas de classe. Um desses colegas, próximo do fim da aula, mostrou-me um caderno que continha muitos desenhos, de autoria dele e da criança. Estes desenhos eram muito bem feitos, elaborados, com traçado firme, demonstrando aí a sua grande habilidade artística. Em conversa com a professora, a mesma colocou que, no momento, em que tentou se utilizar de outra forma na tentativa de alfabetizar a criança, foi barrada pela direção. Inclusive, sua aula acontecia de maneira tradicional: leitura do livro, acompanhado pelos estudantes, com baixa interação entre ela e as crianças.

Na segunda etapa, fui conversar com a família representada pela figura do pai. Este, mostrou-se preocupado com o desempenho escolar do filho, mas ressaltava as potencialidades que conseguia observar no mesmo: a habilidade para desenhar, para jogos e, por isso, não acreditava que fosse apenas responsabilidade de seu filho a dificuldade de aprendizagem. Notava que a instituição, na verdade, não sabia lidar com a criança, e em uma reunião de pais, pontuou que na sala apenas uma criança não apresentava desenvolvimento satisfatório, expondo de modo desnecessário, seu filho. Esta reunião, segundo o pai, foi pautada por gráficos, dados, ou seja, números, provas de que seu filho estava 'fora' do que a escola tinha como objetivo.

Na última etapa, conversei com a criança, que com seu jeito tímido, me dava respostas monossilábicas, não se prolongando nas questões. Então, resolvi utilizar como ferramenta, uma de suas habilidades: o desenho. Pedi ao mesmo que desenhasse a escola, o que ele gostava, enfim, o tema principal era esse, e ele poderia fazê-lo da maneira que quisesse. De imediato, a criança iniciou a tarefa, e logo a terminou. Perguntei se gostaria de dizer algo a respeito, ao que a resposta foi não. Apesar de que seu desenho era claro, objetivo, não necessitando realmente de maiores explicações. O desenho era o seguinte: estava dividido em quatro quadros, o primeiro representava a entrada das crianças na escola, o segundo, o período da aula, o terceiro, a hora do intervalo e, por último, a saída.

Interessante observar que a criança desenhou o sinal em todos os quadros, exceto na sala de aula. E, em todos os ambientes existiam pessoas, menos na sala de aula; neste quadro, nem mesmo a professora foi desenhada, isto é, a sala de aula foi representada como vazia, existindo apenas as mesas e cadeiras. Não pude dar continuidade ao trabalho, pois mudei de município, e fui trabalhar em outro local.

Óbvio que houveram diversos casos, porém este ficou marcado, talvez por uma identificação, não sei, mas especialmente pela forma como aquela criança retratava a sala de aula. Ao que parece, ela conseguia se inserir no ambiente escolar, mesmo que a própria direção o rejeitasse, porém, a sala de aula... Para ela, não existia. Aliás, enquanto estrutura estava ali com suas mesas e cadeiras, mas vazia, sem ninguém.

Provavelmente pouco do que acontecia ali dentro fazia sentido para ela, e no processo de aprendizagem, o significado é muito importante. Os modos criativos de ensinar, proporcionar a vivência deveriam fazer parte do processo de ensinagem, e não apenas a transmissão de conteúdos que são determinados por instâncias superiores. Contudo, no momento, em que o professor tentou seguir esta ideia, a escola barrou e, mais uma vez, perdeu a oportunidade de dar sentido a esta criança.

Cabe aqui ressaltar que este, talvez seja um outro problema existente nas escolas atualmente; pouco se participa da elaboração e planejamento dos programas que serão repassados aos estudantes.

E isto não fica centrado apenas nos conteúdos, mas também no tempo e na forma como estes devem ser transmitidos, desconsiderando o perfil da sala de aula, ferramentas modernas e atuais como, por exemplo, os celulares e, isto sem falar, na precária formação do corpo docente, bem como da direção.

Desta forma, as instituições não conseguem dar conta do seu real papel e responsabilidade na aprendizagem e na vida dos pequenos cidadãos, e acabam por lançar a 'culpa' sobre a família, ou a própria criança. Assim, enfatizam que o aluno faz jus ao seu significado, ou seja, é um ser sem luz. Querem um diagnóstico, não é à toa a 'onda' de autistas e hiperativos nas salas de aula.

A sociedade como um todo, através da mídia e, principalmente, propagandas políticas, enfatizam a 'preocupação com a educação' e sua importância, mas pouco se discute sobre ela, discussão essa que não deveria se restringir apenas dentro das escolas porém, ultrapassar seus muros. Aliás, em todo o tempo e lugar, estamos aprendendo. Porém, ficamos nesse embate: a sociedade 'culpa' a escola sobre a defasagem na aprendizagem, a escola se defende e, muitas vezes, 'culpabiliza' a família e a própria criança, e esta? Qual o sentido da escola e em que sentido ela caminha?

Esta 'culpabilização' desenfreada, ora pra um, ora pra outro, não faz sentido. Devemos demonstrar real preocupação e investimento na educação, na aprendizagem. Entendendo que ela deve ser uma troca e gerar mudança, transformação. Como dizia Paulo Freire (2000):

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível muda-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes (Freire, 2000).

REFERÊNCIAS

Freire, P. (2000). Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp.



Agatha Mayer Compani

agatha.compani@yahoo.com

Psicóloga Clínica

Danielle Ribeiro da Silva

danirif@gmail.com

Psicóloga



UM PEDAÇO MÍNIMO É SEMPRE O ESPELHO TODO: REFLEXÕES DE UM ESTUDO DE CASO ATRAVÉS DO OLHAR WINNICOTTIANO



Baixar artigo

RESUMO

Esse trabalho refletiu sobre o caso atendido em uma clínica-escola, compreendendo com a prática, o progresso da paciente e a importância da experiência do atendimento na formação do psicólogo. O método de pesquisa foi o clínico-qualitativo. Foram consideradas dezesseis sessões nesse estudo. A participante é uma mulher de quarenta e três anos com queixa de desorganização e sentimentos depressivos. Para o manejo, foi considerada a teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Conclui-se que o vínculo terapêutico colabora para o tratamento, trazendo benefícios a paciente. .

Palavras-chave: Clínica-escola. D. W. Winnicott. Teoria do amadurecimento. Vínculo Terapêutico.

ABSTRACT

This study reflected upon a case treated in a school-clinic, comprehending through clinical practice, both the patient`s progress, as well as the importance of the experience in clinical care for the education of psychologists. The research method was clinical-qualitative. Only sixteen sessions were considered. The participant is a woman aged forty-three with complaints of disorganization and depression. D. W. Winnicott`s theory was used for clinical practice. It is concluded that the therapeutic alliance contributes to treatment, benefitting the patient.

Keywords: School-clinic, D. W. Winnicott, Clinical practice, Therapeutic alliance

INTRODUÇÃO

O estagiário da clínica se depara com a demanda do paciente, que busca diminuir seu sofrimento, esta demanda pode ser sentida pelo estagiário como infinitamente maior que os recursos que o mesmo tem disponível durante essa etapa de formação.

O que encontramos na clínica-escola são estagiários com um enorme desejo de saber. Assemelhando-se a mãe de um bebê recém-nascido, essa busca voraz pelo melhor manejo com o paciente, peculiar ao estagiário, pode ser sentida por todos que envolvem a realidade da experiência na clínica escola. O que nos chama a atenção se trata justamente do não-saber e do movimento de busca que fervilha no estagiário. Esse fenômeno que vemos no espaço universitário muito se assemelha ao 'adoecimento' descrito por Winnicott como preocupação materna primária.

Segundo Winnicott é no espaço vivencial da experiência – quando a mãe está em contato com o bebê, que a relação ganha forma. Temos no jovem estagiário na clínica escola o fenômeno da mãe dedicada comum, conforme descrito por Winnicott. O contato com o paciente está para além do preparo intelectual. Trata-se de uma certeza de outra ordem – da ordem da experiência. Em sua teoria, Winnicott nos brinda com o conceito da "magia da intimidade" entre a mãe e o bebê que acontece também entre o paciente e o estagiário na clínica, nos ensinando que a comunicação entre a mãe e seu bebê está para além do verbal e do formal. Conforme Dias, (2003, p. 155):

[...] no campo experiencial, envolvendo bebês [...], a compreensão não acontece por via exclusivamente intelectual ou mental, mas exige um tipo de proximidade e de comunicação com o paciente, semelhante ao contato entre a mãe e o bebê. A essa linguagem pertence, essencialmente, o silêncio, a comunicação pré-verbal e a pré-representacional.

Torna-se relevante a realização deste estudo de caso para que possamos reforçar o papel do atendimento clínico na formação do jovem estagiário de psicologia - um saber não encontrado nos livros teóricos, mas sim da ordem da experiência empática com o paciente e para que possamos aprofundar a compreensão do caso clínico apresentado nesse estudo atendido numa clínica escola.

TEORIA DO AMADURECIMENTO HUMANO

Fortemente influenciada pelas postulações ambientalistas do darwinismo, toda a teoria de D. W. Winnicott, pediatra e psicanalista inglês, se orienta no sentido de entender quais seriam as condições ambientais necessárias ao desenvolvimento psíquico do ser humano. Assim, dadas as condições favoráveis, o desenvolvimento emocional ocorreria espontaneamente por força de uma tendência inata (Klatau & Salem, 2009).

No início a dependência do bebê pelo ambiente é absoluta, e é graças ao cuidado contínuo e dedicado exercido pela mãe que ele pode gradativamente experimentar uma continuidade de ser no espaço e no tempo. Winnicott chamou de suficientemente boa a mãe capaz de propiciar este tipo de adaptação ativa às necessidades do bebê. Ele acreditava que toda mãe possui a capacidade de devotar um tipo de cuidado suficientemente bom ao filho. (Monteiro, 2003).

À esta atitude sensível, desenvolvida geralmente no final do período gestacional, e que se estende por algumas semanas após o nascimento da criança, Winnicott deu o nome de preocupação materna primária, um estado psicológico de profunda identificação com o bebê, que permite à mãe proporcionar-lhe um tipo de cuidado favorável, peculiar às suas necessidades. O bebê, em um estado de indiferenciação original, encontra-se numa condição subjetiva, na qual ele e mãe estão fusionados, isto é, há uma continuidade entre “eu e não-eu”, não existindo um indivíduo, mas sim um conjunto ambiente-indivíduo (Klatau & Salem, 2009).

Nesse estado de peculiar e profunda identificação, a mãe oferece seu ego como sustentação ao ego ainda frágil e sem integração do bebê. Ela funciona como uma tradutora entre o mundo pulsional interno e os estímulos externos, imprimindo significados através da qualidade do seu cuidado materno, e assim, continuamente, contribuindo para que o bebê venha a alcançar o status de unidade.

Para que o bebê caminhe nesta direção, ele é encarregado de três tarefas básicas: integração, personalização e realização. Winnicott observou que o sucesso do bebê para conseguir realizar suas três metas, dependerá da suficiência da mãe em também desempenhar três tarefas: holding, handling e apresentação de objetos (Dias, 2003).

A mãe facilitará de uma forma específica cada uma das etapas do amadurecimento de seu bebê. A integração no espaço e no tempo que o bebê busca dependerá do holding, uma tarefa atribuída a mãe de fisicamente segurar e sustentar o bebê.

O manejo ou *handling*, se refere ao papel materno relacionado aos cuidados físicos do bebê, que garantirá o alojamento da psique em seu corpo. Por último, mas não menos importante, temos a apresentação de objetos, tarefa singular atribuída a mãe de apresentar ao seu bebê os objetos do mundo. O conjunto desses cuidados representa o ambiente total para o bebê, e a mãe deve desempenhar essas tarefas de forma suficientemente boa para que o bebê estabeleça bom contato com a realidade externa (Dias, 2003).

É somente através do cuidado materno contínuo que ocorre a integração do ego da criança, e somente a partir daí Winnicott passa a considerar que o bebê atingiu um status de unidade. Para o bebê, todas as experiências de cuidado realizadas de forma contínua estruturam juntas um sentido inicial de previsibilidade e continuidade, que darão origem ao sentimento de confiança no ambiente (Monteiro, 2003).

A mãe, durante o período de preocupação materna primária, é capaz de, no momento certo, apresentar o seio ao bebê faminto, que o percebe a partir de um momento de ilusão, como se este fosse uma parte sua. Este controle mágico, onipotente, é descrito por Winnicott como uma das bases da criatividade no ambiente. Ao fazer isso, a mãe proporciona ao bebê a possibilidade de sentir-se criador do que já estava lá para ser encontrado por ele.

O bebê que se encontra no estado de indiferenciação em relação a mãe é excepcionalmente sensível ao olhar materno, pois a partir deste olhar fundamentará sua previsão ambiental. A qualquer menção de ameaça, o bebê se reorganiza, tendo a autopreservação enquanto meta (Winnicott, 1975).

O olhar da mãe enquanto espelho deve refletir ao bebê nada mais do que há para ser visto, proporcionando-lhe um relaxamento e sentido de continuidade, de modo a validar o self do bebê para que este possa sentir-se real e habitar o mundo. A medida que a maturação se solidifica e a criança avança em seu desenvolvimento, sua gama de identificações aumenta em direção a saúde existencial e a dependência do rosto dos pais enquanto refletores do self, enfraquece (Winnicott, 1975).

A atuação da mãe suficientemente boa vai se modificando conforme se modificam as demandas do filho, que, aos poucos, torna-se mais competente em suportar as falhas da mãe na adaptação. Winnicott descreve um cenário onde se tudo vai bem, isto é, se o bebê vive uma experiência de cuidado suficientemente bom, nos tempos de necessidades absolutas, ele pode obter ganhos com a desilusão que a mãe o possibilita posteriormente. Se a adaptação quase perfeita é semelhante à “magia”, pois leva à ilusão de onipotência do bebê, a falha na adaptação torna os objetos reais para o bebê (Winnicott, 1975).

Os bebês, já nos primeiros dias de vida costumam usar os dedos, mais comumente os polegares para a satisfação dos instintos da zona erógena oral. Conforme os meses passam, tendem a eleger um objeto especial, desta vez externo ao próprio corpo, com o qual se tornam apegados afetivamente. Trata-se da primeira possessão não-eu do bebê, conquistada a partir da relação com a região intermediária da experiência. Este objeto de natureza transicional, como descrito por Winnicott, é encontrado pelo bebê atendendo a uma necessidade vital de defendê-lo das ansiedades, principalmente da ansiedade depressiva, que acomete o bebê quando o mesmo se separa da mãe. O objeto transicional pode ser nas mais diversas formas – uma pontinha de lençol, um ursinho macio, fraldinha, boneca ou etc (Winnicott, 1975).

O bebê gradativamente conquista a capacidade de relacionar-se com os objetos externos, e a mãe passa a ser percebida enquanto um indivíduo, uma pessoa separada do bebê. O seio ganha um dono – pertence a mãe. O bebê que antes, por instinto, atacava implacavelmente o seio, começa a reconhecer que o seio é uma parte da mãe, aquela que cuida. A relação do bebê com a mãe torna-se total. Ora instintiva e excitada, ora tranquila e preocupada com o relacionamento. O concernimento, termo advindo do inglês *concern* que tem como etimologia a preocupação, trata-se de um momento de grande importância para o bebê pois este adquire justamente a habilidade de uma preocupação que é mobilizada pelo sentimento de culpa que ele carrega pela destruição causada (Winnicott, 1990).

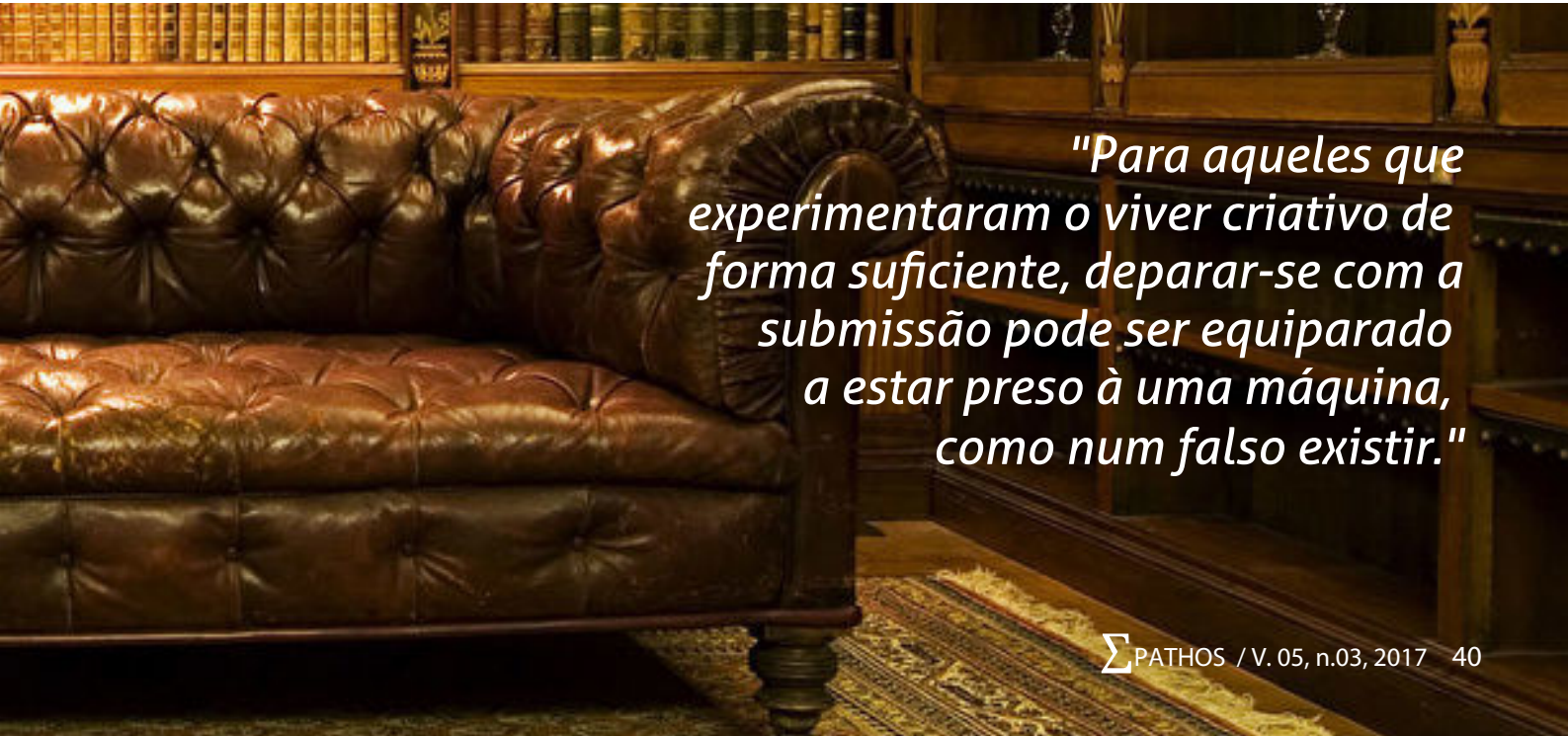
É graças ao tempo e capacidade da mãe suficientemente boa de suportar as investidas do bebê de forma constante, sustentando a situação, que o bebê gradativamente consegue “reorganizar as numerosas consequências imaginativas da experiência instintiva e resgatar algo que seja sentido como bom (...) e com isto reparar imaginativamente o dano causado a mãe” (Winnicott, 1990, p. 90).



A crença na reparação leva o indivíduo a manter a fé de que o mundo é um lugar que corresponde a sua capacidade criativa, conservando a espontaneidade na sua atitude em relação a realidade externa, está mais próximo de uma existência saudável segundo o que concebe a teoria winnicottiana (Winnicott, 1975).

Para aqueles que experimentaram o viver criativo de forma suficiente, deparar-se com a submissão pode ser equiparado a estar preso à uma máquina, como num falso existir. Winnicott descreve algumas condições clínicas em que devido à uma insistente intrusão ambiental a capacidade espontânea e criativa do ser é posta de lado, graças a necessidade de defender-se deste ambiente. O autor descreve que a capacidade da mãe de se identificar com as necessidades do bebê, nos tempos de dependência absoluta, conduzem-na a reconhecer e validar os gestos espontâneos do bebê, possibilitando-o um sentimento de onipotência fundamental para a vivência criativa. Este impulso espontâneo, primitivo, é proveniente de um self verdadeiro, que ao ser reconhecido pela mãe começa a ter vida e a fortalecer o ego do bebê. Quando a mãe não assume esta atuação suficientemente boa, impondo o seu próprio gesto ao invés de reconhecer o do bebê, acaba por validar uma condição de submissão que possibilita o aparecimento de um falso self (Winnicott, 1983).

O falso self passa a reagir às exigências ambientais, e a submissão torna-se um aspecto principal da personalidade. Para Winnicott (1983, p. 129) a função do falso self é "a de ocultar e proteger o self verdadeiro", diante da possibilidade de aniquilamento do verdadeiro self.



"Para aqueles que experimentaram o viver criativo de forma suficiente, deparar-se com a submissão pode ser equiparado a estar preso à uma máquina, como num falso existir."

OBJETIVOS

Este trabalho possui como objetivo geral refletir sobre o caso atendido, buscando compreender através da prática clínica e articulação teórica, tanto a dinâmica e progresso da paciente, quanto a importância da experiência do atendimento clínico na formação superior do psicólogo.

Num caráter mais concreto, os objetivos específicos se apresentam na intenção de alcançar a finalidade geral e torná-la aplicável a cenários particulares. São eles: Compreender o caso clínico atendido à luz da teoria winnicottiana, conceituando os principais elementos da teoria e articulando-os ao caso. Refletir sobre o contexto do encontro entre o estagiário e a paciente, observando os desdobramentos da relação terapêutica na clínica-escola e as repercussões desta relação para a formação do estagiário de psicologia.

MÉTODO

O método adotado neste estudo de caso é o clínico-qualitativo, explorando as relações de significado dos fenômenos observados e segundo Turato (2005), compreendendo o que elas querem dizer para os indivíduos. É no setting da clínica escola que se dá a pesquisa, contando com conteúdos íntimos e pessoais das diversas questões trazidas pelo paciente. O instrumento de pesquisa é o próprio pesquisador, que usará dos recursos teóricos e da própria personalidade para realização do exame do paciente. Trata-se de uma pesquisa na perspectiva psicanalítica que contará tanto com a abordagem e estilo próprio do analista, quanto com a imprevisibilidade do inconsciente. Esse método, clínico-qualitativo, utilizado para pesquisas em saúde, é específico para o setting da clínica-escola onde busca-se examinar, interpretar e compreender as vivências que são trazidas pelo paciente.

Esta pesquisa é baseada no atendimento do caso de uma mulher de quarenta e três anos, aqui denominada de 'Macabéa', um nome fictício extraído da obra literária de Clarice Lispector, "A Hora da Estrela"¹, a fim de garantir o direito ao sigilo ético a ela estendido enquanto paciente da clínica-escola do serviço de psicologia.

O nome foi escolhido pelas autoras deste trabalho por considerarem a existência de uma aproximação entre a personagem fictícia de autoria de Clarice Lispector, e a paciente atendida e estudada neste caso.

No entanto, cabe salientar que esta aproximação permanece no campo da metáfora, revelando uma relação de semelhança entre as duas – pessoa e personagem. A contribuição da obra de Clarice Lispector para este trabalho toca também o título, que é proveniente do texto “Os Espelhos”², sua utilização se justifica, pois, a estética desta obra ilustra elementos principais da compreensão teórica desenvolvida ao longo deste estudo.

A paciente procurou o atendimento na clínica-escola de uma universidade particular do sudeste paulistano, sendo seu primeiro atendimento realizado em agosto de 2015. A queixa era de uma desorganização que atingia diversas esferas de sua vida. Foram realizados dezesseis atendimentos com a paciente, de agosto de 2015 a janeiro de 2016, uma vez por semana e com duração de cinquenta minutos. Foram elaborados relatórios semanais da sessão articulados a teoria de orientação psicanalítica winnicottiano, a qual serviu de apoio norteador para a compreensão e manejo do caso. Para a teorização da clínica e orientação das estagiárias, os atendimentos eram discutidos semanalmente com o supervisor clínico. Após o termino deste estudo, o caso continua sendo atendido na clínica-escola da instituição.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO CASO: LAMPEJOS DE UM REFLEXO

Era uma maldita e não sabia.
Agarrava-se a um fiapo de consciência e
repetia mentalmente sem cessar- eu sou, eu sou, eu sou.
Quem era é que não sabia.
(Lispector, C. 1998, p. 84)

Macabéa, uma mulher de quarenta e três anos, baiana, divorciada há dois anos e mãe de duas filhas adolescentes, que trabalha como diarista, procurou o atendimento na clínica escola em fevereiro de 2015, e tivemos nosso primeiro atendimento em agosto de 2015. Ela chega queixosa por sentir uma desorganização que atinge diversas esferas de sua vida. No entanto, diante do nosso convite, conta sua história com brilho nos olhos. É no encontro dos nossos olhares que Macabéa pôde reconhecer a possibilidade de achar em nós um espaço para ser vista e escutada de uma forma singular. Esta disponibilidade, localizada na pessoa do analista, é sentida pela paciente de uma forma sensível ainda nas primeiras sessões, como um ambiente favorável ao seu desenvolvimento pessoal.

Ao olharmos para Macabéa, percebemos sua necessidade não satisfeita de ter um lugar no mundo. Ao longo dos atendimentos, Macabéa mostrou-se voraz ao narrar sua história, trazendo uma grande quantidade de informações e um pedido claro por um sentido para o seu sofrimento. Sua fala é desorganizada, subjetiva e rápida. Nessa altura do processo, tomada pela incerteza da permanência dos cuidados oferecidos por nós, Macabéa nos parecia agitada nas sessões. Ela muda de assunto sem hesitação, tornando o acompanhamento de sua história desafiador. Macabéa não nos percebia de forma objetiva, mostrando uma qualidade subjetiva de relação – como se estivéssemos misturadas. Essa forma de nos perceber sugere um estado de indiferenciação, como descrito por Winnicott, nos primeiros tempos de vida do bebê, que não se distingue da mãe ou do ambiente. Em seu discurso Macabéa parecia ter certeza de que tínhamos conhecimento sobre o que ela falava. Em situações como as descritas acima, era necessário o uso do toque concreto sobre sua pele para localizá-la, oferecendo-lhe contorno no tempo e no espaço, como o experimentado pelo bebê quando a mãe desempenha a tarefa do handling.

Macabéa nos demandava uma sustentação total, o holding, tarefa atribuída a mãe suficientemente boa de Winnicott. Para o estabelecimento do nosso vínculo terapêutico, era necessário que promovêssemos o sentido de confiabilidade, que se dá graças a um cuidado previsível, constante e contínuo e ao sentimento de autenticidade percebido por Macabéa em nós. O manejo para esta paciente, conforme nos ilustra a teoria winnicottiana, assume a qualidade dos cuidados básicos, como são os que a mãe confere ao bebê nos tempos de dependência absoluta.

Macabéa relata que cresceu em um lar de privações na Bahia, sendo a filha do meio. Ela conta que nunca soube bem qual era o seu papel dentro da família e desde muito cedo pensava que teria nascido para sofrer. Sempre muito retraída por sentir-se pobre³, sofrera com comentários maldosos dos colegas e por vezes fugia de casa indo para a casa de parentes e professores, sem saber bem o que buscava nessas andanças, acabava retornando sozinha para casa. Percebemos que o movimento de Macabéa nos atendimentos, acompanha o ritmo dessa busca, que não está no encontro físico com o outro, mas por um lugar no outro.

Este lugar que Macabéa buscava em nós nos atendimentos se assemelha ao olhar da mãe enquanto espelho, que tem como função validar o SELF⁴ do bebê, conforme descreve Winnicott, dando-lhe um sentido de realidade para que possa habitar o mundo.

Em certa ocasião, ao se atrasar e perder o horário da sala de atendimento, Macabéa subitamente inicia a sessão no corredor, mostrando a urgência para nosso encontro e a pouca valia que dava ao ambiente físico, demonstrando encontrar em nós continência. Assim como para Macabéa, nossa disposição para a relação também não estava circunscrita aos limites físicos da clínica.

Mostrando-nos recortes da sua história pessoal, Macabéa reúne páginas onde o tema da busca por um lugar que seja seu se repete continuamente. Sai da Bahia e vem para São Paulo, onde sofreu de solidão, discriminação e choque cultural. Sente a violência de não conseguir se sentir pertencente à nova cidade e o que ela lhe traz, frustrando-se. Através de uma amiga, Macabéa conheceu seu futuro marido - um Maranhense 15 anos mais velho, com quem na época se identificava, uma pessoa tímida, acuada e muito reservada.

Mais adiante, nos contando sobre outras páginas, Macabéa relata sobre os seus 18 anos de casamento, época em que trabalhou fora e cuidou da casa - sobrando pouco tempo para cuidar de si e de seu relacionamento. Não tinha com o marido a relação que sempre sonhou e mantinha uma expectativa de que ele fosse um dia, "começar a olhar para ela". O marido, grosseiro, machista, e muito retraído, protagoniza com ela, uma vida conjugal difícil, com brigas e pedidos para que ela deixasse a casa. Macabéa atende ao pedido do marido e se muda para um pequeno quarto externo a casa apesar de realizar tentativas de reaproximação que não eram atendidas. É apenas quando o ex-marido lhe dá uma cesta de presentes, que Macabéa consegue reunir seus pertences e ir embora definitivamente. Muito mais do que uma cesta de presentes, o ex-companheiro de Macabéa lhe oferta um gesto de reconhecimento que era continuamente solicitado por ela e negado, um olhar que a refletisse enquanto pessoa – ainda que fosse um fragmento mínimo de olhar.

Macabéa conhece o novo namorado através de uma amiga. A relação assume uma qualidade íntima muito rápido e Macabéa nos significa seus sentimentos através dos cuidados que ele lhe proporciona – tratou de uma alergia que ela tinha nos pés com massagens e pomadas, cuidou da casa que mora, e até mesmo da educação das filhas dela. Macabéa nos relata que receber esses cuidados era a "melhor coisa", mas que em contrapartida, quando não os recebia, fica chateada, sensível e irritada.

Nas sessões que se seguem, os relatos de Macabea revelam um grande sofrimento sentido na relação com o outro. Na tentativa de se fazer compreender, Macabea diz possuir duas versões dela mesma. Uma primeira versão mais servil, que ela adora e aprova, capaz de manter um relacionamento mais adequado com as pessoas, sempre disposta para com os afazeres, porem que por vezes se desorganiza, é mais impulsiva e sofre por isso.

A segunda versão, ela não gosta, pois é desanimada, se isola, não percebe que a casa está bagunçada, não atende os amigos e por vezes não é simpática. Conta também que esta última versão tem seu lado positivo, é apenas neste estado que consegue tomar decisões importantes para si e reunir forças para agir com maior potência.

A narrativa de Macabéa traz como peculiaridade o reconhecimento de que sente possuir duas facetas, onde uma demonstra ter um funcionamento diferente da outra. Uma faceta, vivenciada como mais disponível socialmente, mais acessível para o outro e menos colaborativa para com as próprias necessidades, e uma outra, que num movimento contrário, demonstra se comprometer com o que é seu, e para isso muitas vezes precisa voltar suas costas para o outro. Olhando para cada uma dessas duas versões de forma mais aproximada, percebemos que, uma delas, a que é menos disponível socialmente, guarda um componente de espontaneidade importante, sentido como ausente por Macabéa em muitos de seus relacionamentos, onde ela se coloca numa posição servil - "Pessoas que pensam primeiro em si mesmas não mesclam bem comigo, pois sou muito trouxa." (Sic)

A espontaneidade possui uma compreensão importante no pensamento winnicottiano, através do conceito de verdadeiro e falso self. Diante de uma vivência de negligência do ambiente, que pode ser percebido como intrusivo o SELF espontâneo, verdadeiro, é substituído por um SELF aprendido, falso, que se adapta ao que o ambiente exige, devido a incapacidade do ambiente em perceber e validar o gesto de espontaneidade proveniente do SELF verdadeiro.

A adaptação de Macabéa em relação às exigências que faz em favor do outro traz como consequências um profundo sentimento de insatisfação na sua relação com o mundo, o que corrobora com sua busca por uma identidade existencial, um quem sou. Seu potencial criativo, advindo do SELF verdadeiro, espontâneo, anseia por uma manifestação, mas não encontra um caminho para tanto.

Macabéa quando nos conta sobre sua faceta menos social, relata sentir-se ensimesmada, cansada, e por vezes significa este sofrimento pela depressão, referindo sentir um grande sentimento de culpa quando destrata o outro. Ela nos ilustra com uma situação, entre tantas outras, onde teria se cansado de passar a camisa do namorado pela manhã como fazia todos os dias, se prejudicando, pois, isso lhe atrasava para o trabalho.

Em decorrência da dificuldade em se comunicar com o namorado, Macabéa tem uma explosão de raiva, recusando-se a passar a camisa, e passou o dia chorando de arrependimento.

Macabéa parece não acreditar que o mundo possa suportar a sua agressividade, o que faz com que ela evite conflitos e seja incapaz de colocar os limites em suas relações com o outro. - "Não gosto de causar problemas" (sic).

Teme que ao se colocar de forma agressiva, suas relações podem não sobreviver pois não sente confiança na sua capacidade de repará-las. A crença na reparação é fundamental para que a pessoa guarde a fé de que o mundo corresponde a sua capacidade criativa, permitindo a manifestação espontânea do SELF – um sinal da saúde do indivíduo.

Apesar da dificuldade em compreender, Macabea percebe sua ambivalência emocional, como pode-se constatar em seu relato de uma festa a fantasia para qual a mesma teria sido convidada. Macabéia relata que teria levantado animada e decidida a confeccionar sua própria fantasia. Decidira ir vestida de boneca Emília e então dirigiu-se a loja de tecidos para comprar um tecido colorido. No dia da festa, ela planejou acordar cedo para costurar sua fantasia, no entanto, o namorado solicitou que ela o acompanhasse a um serviço que ele deveria fazer. Devido a insistência do namorado, Macabéia o acompanhou, mas com a promessa de que voltariam a tempo para que ela pudesse confeccionar a fantasia. Macabéia e o namorado não retornam em tempo para que ela pudesse costurar a fantasia de Emília, o que a leva a ir com uma roupa de freira para a festa. Perguntamos porque queria ir de Emília e a mesma nos responde “Emília é sapequinha, terrível! Acho ela demais, superdivertida!” (sic) com isso, vemos a vontade de Macabéia posta de lado em prol da vontade do outro. A mesma vai à festa de freira, o oposto simbólico de Emília – a freira é casta, reservada, “coberta” (sic).

Nossa última sessão antes de longas férias foi o dia eleito para a entrega de um presente que poderia servir de espelho ou objeto transicional para Macabéia durante as férias. Diante do afastamento promovido pelas férias, o presente poderia cumprir este papel. No caso, um porta retrato com uma grande foto colorida da boneca Emília e no canto superior, uma pequena freira – objeto que foi retirado da fala de Macabéia, e que foi compreendido por nós, também como o objeto da sua busca.

No retorno das férias Macabéia nos pareceu diferente, pela primeira vez nos chama pelo nome, nomeia o namorado e as pessoas da família, demonstrando nos considerar como separadas dela e perceber o mundo de forma mais objetiva. A fala de Macabéia, também é percebida numa apresentação mais organizada após as férias.

Quando é ofertado a ela um atendimento a mais na semana, a paciente responde que não precisa, que “aguenta esperar” (sic), atestando pela confiabilidade conquistada na relação terapêutica. Se mostra mais à vontade no setting – como um bebê que se esparrama na certeza de ser sustentado.

Macabéa, ainda na primeira sessão após as férias, queixa-se da nossa ausência prolongada, dizendo que passou por diversos momentos em que se viu em conflito diante do outro – optando, muitas vezes por calar suas vontades. Sobre esses momentos ela diz “Eu pensava, meu deus, onde estão para me ajudar?!” – Essa fala da paciente é acompanhada por punhos cerrados e um olhar que esperava uma resposta. Diz que chorou por horas ao abrir nosso presente e que nesses momentos difíceis onde não conseguia expressar a sua vontade, recorria ao retrato da boneca Emília. Olhava para o retrato quando pensava “tem que ter outra forma!...” (sic). De viver? perguntamo-nos – O que reflete esse espelho? Macabéa, ao olhar para boneca Emília busca alguém. Nós? Ela? Seu verdadeiro SELF? Suas lágrimas nos servem de testemunha que o objeto simbólico era para ela algo de grandiosa valia – “um pedaço mínimo é sempre o espelho todo” (Lispector, C. 1998, p. 78).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este apanhado da teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott e relato do caso clínico, procurou-se refletir sobre o benefício conquistado tanto pela paciente durante o processo terapêutico, quanto para o amadurecimento clínico do estagiário em psicologia. O resultado do tratamento exibido pela paciente, mostrou-se satisfatório em grande parte pela relação humana, possibilitando o surgimento de um espaço potencial onde ela pudesse encontrar um convite para a criatividade.

No setting, conseguiu-se mobilizar na paciente uma busca por sentido, trazendo significado as suas experiências. O convite a simbolização e o presente dado a paciente nas férias, que serviu como um objeto transicional, representa para a paciente um símbolo capaz de reduzir sua angustia de separação e para as estagiárias, uma ampliação da maneira de se realizar a clínica dentro de um espaço institucional que conta com seus complicadores próprios.

É peculiar ao estagiário o desejo pelo aprendizado, que o conduzirá nesta busca pelo saber através do espaço relacional da experiência – algo que somente se torna possível de frente com seu paciente. Aqui, reforça-se a importância do estágio clínico na formação do psicólogo.

REFERÊNCIAS

- Dias, E. O. (2003). A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro; Ed. Imago
- DSM IV - Manual Estatístico Diagnóstico de Transtornos Mentais, 4ª edição revisada
- Figueiredo, L. C. (2007). Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 41, n. 3, 69-87.
- Fulgencio, L. (2008). Aspectos Diferenciais da Noção de Ego e de Self na Obra de Winnicott. Rev. Estilos clín., São Paulo, v. 19, n. 1, 183-198
- Klatau, P. & Salem, P. (2009). Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação. Revista Natureza Humana 11(2): 33-54
- Lispector, C. (1998). A hora da Estrela. Rio de Janeiro: Ed. Rocco
- Monteiro, M. C. (2003). A importância da relação primária, A relação mãe e bebê, uma visão winnicottiana. In M.C. Monteiro. Um coração para dois: a relação mãe bebe cardiopata. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 105. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Puc-Rio.
- Turato, R. E. (2000). Introdução à Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: Definição e Principais Características, Revista Portuguesa de Psicossomática, vol. 2, núm. 1, Porto, Portugal
- Vieira, M.K.M. (2010) As primeiras recomendações freudianas: do grupo das quartas feiras à sistematização do tripé de formação do psicanalista. In: M.K.M. Vieira A Experiência do Inconsciente para o psicanalista em formação, segundo Freud. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, p. 114. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará.
- Winnicott, D. W. (1975). Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In: _____ O Brincar e a Realidade (pp. 10 – 47). Rio de Janeiro; Imago Ed
- Winnicott, D. W. (1975). O Brincar (Uma exposição Teórica). In: _____ O Brincar e a Realidade (pp. 65 – 88). Rio de Janeiro; Imago Ed
- Winnicott, D. W. (1975). O Brincar (A Atividade Criativa e a Busca do Self). In: _____ O Brincar e a Realidade (pp. 88 – 108). Rio de Janeiro; Imago Ed
- Winnicott, D. W. (1983). Distorção do Ego em Termos de Falso e Verdadeiro Self. In: _____ O ambiente e os processos de maturação, estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional (pp. 128 – 144). Porto Alegre; Artmed Ed
- Winnicott, D. W. (1990). Natureza Humana. São Paulo; Ed Imago
- Winnicott, D. W. (2011). O primeiro ano de vida: Concepções modernas do Desenvolvimento emocional. In: _____ A família e o desenvolvimento individual. (pp.3 - 20). São Paulo; Martins Fontes.

NOTAS

1 - Lispector, C. A hora da Estrela. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998

2 - Lispector, C. Para não esquecer. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1999

3 - O termo 'pobre' aqui empregado, foi reproduzido a partir da fala da paciente. Ela o utiliza na tentativa de representar o sentimento de carência emocional por ela percebido em diversas esferas de sua vida. Por distanciar-se dos objetivos deste trabalho, não desenvolveremos uma compressão dos aspectos socioeconômicos da exclusão social, mas reconhecemos a importância do tema e de estudos que se dediquem a ampliar o olhar sobre esta questão.

4- Segundo Winnicott a ideia de um self é proveniente do sentimento de realidade vindo do senso de ter-se uma identidade. O self equivale a experiência da unidade empírica da pessoa ao se relacionar com o mundo. Nos primeiros tempos de vida do bebê, quando este empreende uma ação criativa, sustentada pelo ambiente, surge simultaneamente a experiência do self e o encontro com o objeto, subjetivo. A experiência do self não pode ser compreendida como um eu interno, pois ainda não há dentro ou fora, o bebê, é uma unidade dual com a mãe, e a experiência do self só pode acontecer junto a este ambiente que o constitui. Ao longo do processo de amadurecimento serão proporcionadas a criança inúmeras experiências de self, que pouco a pouco poderão ser integradas. Ao findar o processo de amadurecimento, todas as experiências de self poderão ser agrupadas e integradas, levando a criança a diferenciar-se do mundo, e chegar assim a fase do "Eu Sou". Winnicott acreditava que ao chegar a este estado de integração e conquistando a capacidade de preservá-lo a pessoa alcançava um aspecto central do seu desenvolvimento humano, que, a conduzia a sentir-se existindo enquanto pessoa. (Fulgêncio 2014, p. 191)



André Toldo Lima
toldo.andre@gmail.com

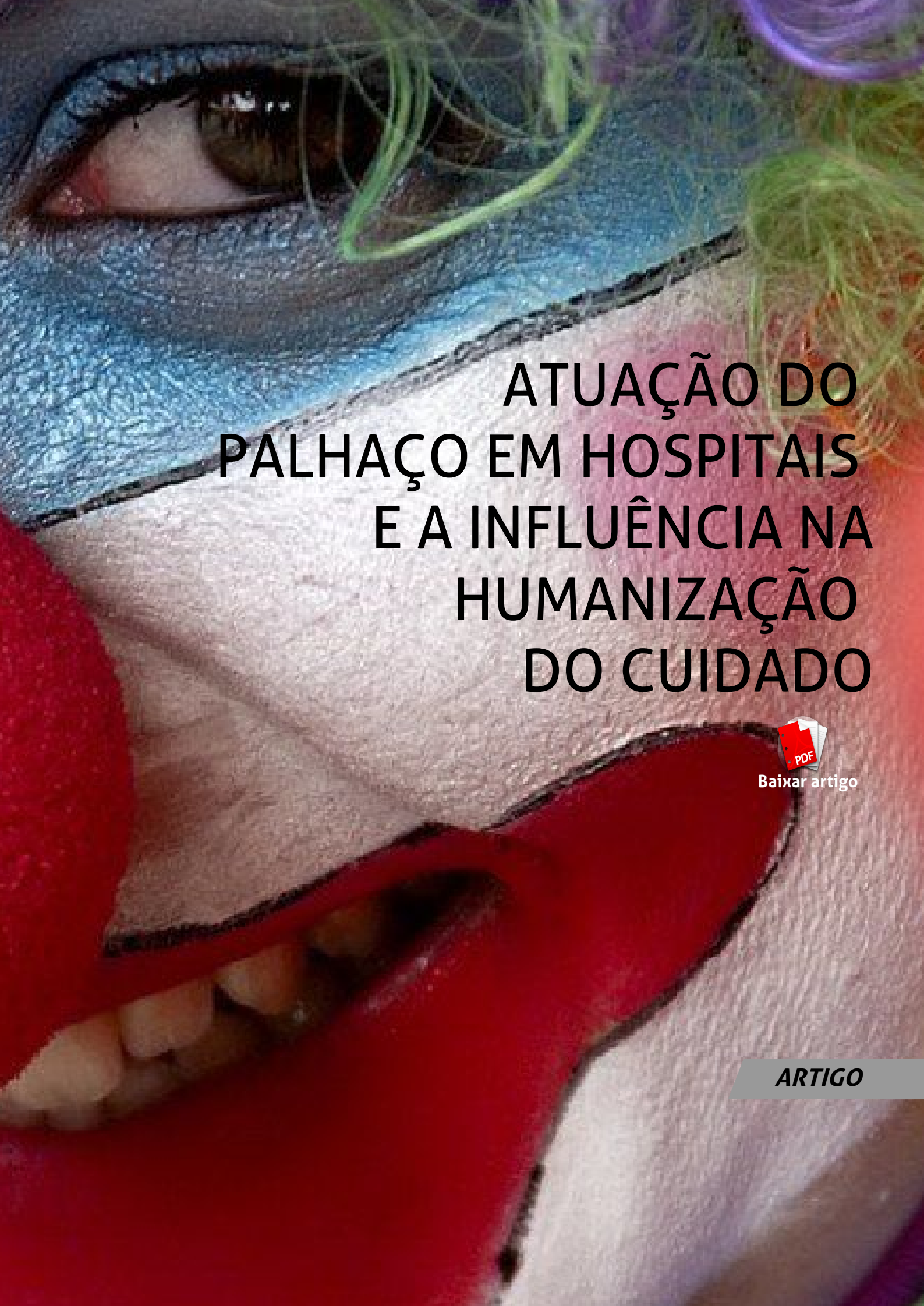
Psicólogo pela Universidade São Judas Tadeu, SP.

Jackeline Adorno Vieira
jackyadorno@hotmail.com

Psicóloga pela Universidade São Judas Tadeu, SP.

Danuta Medeiros
danutamedeiros@gmail.com

*Psicóloga, Doutora em Saúde Pública pela
Universidade de São Paulo (USP), professora
orientadora da presente pesquisa*

A close-up, artistic photograph of a person's face. The person has blue and green makeup on their face, with green hair visible. They are wearing a red hat. The image is used as a background for the article title.

ATUAÇÃO DO PALHAÇO EM HOSPITAIS E A INFLUÊNCIA NA HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO



Baixar artigo

ARTIGO

RESUMO

O presente estudo objetivou verificar a influência na humanização do ambiente hospitalar através do lúdico utilizado por doutores palhaços. Tratou-se de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, onde participaram quatro palhaços atuantes em hospitais da região metropolitana de São Paulo. Foram acompanhadas cinco visitas destes palhaços junto aos pacientes hospitalizados. Os dados coletados foram analisados através da Análise de Conteúdo e discutidos a partir da abordagem psicodinâmica. Os resultados apontaram para o uso do humor e o amparo, atuações que ajudam na humanização. Baseados na Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde (PHN) salientamos a importância deste tipo de atuação e sua eficácia no atendimento ao paciente adulto.

Palavras-chave: Humanização. Lúdico. Hospital. Palhaço.

ABSTRACT

This study aimed to verify the influence in humanizing the hospital environment through the action of clowns with adult patients. This is a qualitative field research, attended by four clowns who work at hospitals in the metropolitan region of São Paulo. Five visits these clowns were accompanied along the hospitalized. The collected data were analyzed using content analysis and discussed from the psychodynamic approach. The results pointed to the use of humor and support, actions that humanize patients. Based on the National Policy on Humanization of the National Health System (PHN), we emphasize the importance of this type of action and its effectiveness in the care of the adult patient.

Keywords: Humanization. Playful. Hospital. Clown.

INTRODUÇÃO

Quando o indivíduo é hospitalizado há uma ruptura em seu cotidiano, a partir desse momento ele tem que seguir novas normas e horários, sendo muitas vezes tratado pelos profissionais da saúde de forma mecanicista, levando ao rompimento da individualização. Assim o indivíduo deixa de ser ativo, passa por mudanças que geram sentimentos negativos, sofrimento psíquico, e pode até mesmo agravar sua saúde (Beuter & Alvim, 2010). Segundo Giuliano, Silva & Orozimbo (2009), o adoecer por si só já causa sofrimento psíquico, podendo gerar sentimento de impotência e fazer com que a pessoa entre em contato com realidades que ela evita pensar, como a finitude e o morrer.

A Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde (PHN), criada há treze anos pelo Ministério da Saúde, visa à diminuição dessa angústia e minimizar a perda da individualidade. A PHN tem como objetivos:

(1) enfrentar desafios enunciados pela sociedade brasileira quanto à qualidade e à dignidade no cuidado em saúde; (2) redesenhar e articular iniciativas de humanização do SUS e (3) enfrentar problemas no campo da organização e da gestão do trabalho em saúde que têm produzido reflexos desfavoráveis tanto na produção de saúde como na vida dos trabalhadores (Pasche, Passos & Hennington, 2011).

Espera-se que esse cuidado humanizado seja ofertado por todos os profissionais da saúde, porém desde a graduação, esses profissionais acabam focando-se na cura de doenças, e quando não conseguem realizar esse trabalho também se sentem impotentes e fracos, precisando distanciar-se do paciente para que consigam prosseguir com seu ofício (Kuhn, Lazzari & Jung, 2011). Então quem pode oferecer esse tratamento humanizado para o paciente? Se o ser humano é um ser biopsicossocioespiritual, apenas o cuidado mecanicista com o paciente bastaria?

Desde o tempo de Hipócrates os palhaços trabalham em hospitais (Araújo & Guimarães, 2009); um dos pioneiros deste trabalho na modernidade foi o Doutor Patch Adams, médico americano que em 1985 começou a atuar como palhaço no hospital acreditando que ao interagir com amor, humor e alegria os pacientes se beneficiariam biologicamente, além de tornar o tratamento mais humanizado (Rodrigues & Nunes Filho, 2013), Utsunomiya, Ferreira, Oliveira, Arai & Basile, 2012).

Já no Brasil, pode-se localizar oficialmente a inserção dos palhaços no hospital a partir do ano de 1991. Em 1988, o ator Wellington Nogueira, morando na época nos Estados Unidos, teve a experiência de integrar o grupo Clown Care Unit, que já realizava visitas a Hospitais. Voltando ao Brasil em 1991, começou a atuar desta forma no Hospital e Maternidade Nossa Senhora de Lourdes, em São Paulo, e criou no mesmo ano um projeto intitulado Doutores da Alegria; a partir de então, projetos similares começaram a surgir em vários estados brasileiros. Dez anos depois já existiam no Brasil mais de 180 grupos de palhaços atuando em hospitais, e também o interesse da criação desses grupos em várias instituições de ensino na área da saúde, com o intuito de oferecer aos futuros profissionais da área conceitos de humanização em Hospitais. A inserção do palhaço representa a quebra da ordem, retira por alguns instantes o peso de um ambiente que lida com temas tão sérios e trabalham com a parte saudável do paciente, as visitas dos palhaços são uma estratégia complementar de humanização, sendo eficaz independentemente da faixa etária do paciente (Giuliano, Silva & Orozimbo, 2009).

O brincar é um tipo de manifestação do lúdico. Segundo Oliveira, Ramos, Lucena, Santos, Bezerra, Loureiro,... Viana (2012), o lúdico é uma atividade constituída por elementos que transitam entre realidade e fantasia. Os autores consideram outros tipos de lúdico no processo de cuidar, não se restringindo apenas a jogos e brincadeiras, também se considera a comunicação verbal e não verbal, a atenção dedicada ao paciente, a escuta, olhar e gestos.

No geral o lúdico melhora a expectativa do paciente, e os palhaços utilizam dessa técnica para romper com a rotina do hospital. Costa, Figueiredo & Schaurich (2009) apontam que a política de humanização aos hospitais traz maior bem estar e acelera o processo de recuperação, diminuindo assim o tempo de internação e reduzindo custos.

Deve-se considerar que, em busca de trabalhos que analisaram atendimentos hospitalares com palhaços em bases de dados científicas ¹, no dia 23 de março de 2016, a partir dos verbetes “palhaços” e “hospital”, encontraram-se apenas trinta e um (31) artigos produzidos por brasileiros, no período de 2000 a 2016. Destes, seis (6) tratavam da técnica do palhaço em si, vinte e um (21) eram voltados ao atendimento de crianças e adolescentes no hospital, outros três (3) abordavam o atendimento na enfermaria com adultos e crianças. Assim, somente um (1) artigo era totalmente dedicado ao paciente adulto e outro (1) dedicado a visitas asilares (adultos e/ou idosos). Este resultado indica uma área de pesquisa que anseia por novos dados e interpretações, especialmente voltados para adultos e idosos.

Deste modo, a análise da atuação do palhaço com o lúdico e da sua eficácia na humanização do cuidado com pacientes adultos, pode ajudar a divulgar esse trabalho e trazer importantes reflexões de sua eficácia, contribuindo assim para que novas estratégias de atuação sejam utilizadas. Diante do exposto, este estudo objetivou verificar a influência da humanização no ambiente hospitalar através do lúdico utilizado pelos palhaços.



MÉTODO

Para realização desse estudo foram observadas as atuações de quatro palhaços em um hospital público da região metropolitana de São Paulo/SP, entre os meses de junho e agosto de 2016, totalizando cinco (5) visitas à instituição. Tratou-se de uma amostra por conveniência, com a participação de palhaços de ambos os sexos, idade entre 22 a 46 anos, e que atuavam há no mínimo seis (6) meses como voluntários em hospitais. As visitas foram realizadas apenas em atendimentos com adultos. Através das observações foram analisadas as atuações dos palhaços no ambiente hospitalar, assim como as reações dos pacientes adultos durante essas visitas.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade São Judas Tadeu (CAEE: 55569516.2.0000.0089). Vale ressaltar que todos os procedimentos éticos foram respeitados, sendo aprovado o acompanhamento dos pesquisadores pela direção do hospital e tendo cada participante consentido sua participação através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a coleta de dados, os pesquisadores acompanharam o grupo de palhaços em visitas, observando como o palhaço atua no hospital e quais alterações ocasionadas por sua presença nesse ambiente. Os pesquisadores foram neutros na dinâmica do acompanhamento, não interferindo em nenhum momento. Após as observações os pesquisadores relataram em um diário de campo suas impressões sobre as atuações, que auxiliaram na discussão dos dados. As visitas duraram em torno de duas horas e quarenta minutos, ao todo foram observados os atendimentos de cento e dezoito (118) pacientes e cento e vinte e dois (122) acompanhantes.

Os resultados das observações dos pesquisadores foram analisados através da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977), e discutidos segundo a abordagem psicodinâmica. A Análise de Conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática, qualitativa e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. Tal técnica de investigação considera necessário, inicialmente, o tratamento descritivo dos conteúdos das mensagens, passando-se em um segundo momento à dedução lógica sobre a questão estudada. Assim o percurso da Análise de Conteúdo vai da descrição à interpretação, passando pelas inferências possíveis, mediante análise criteriosa efetuada.

A análise baseou-se na pesquisa de Marques, Sousa, Vizzotto & Bonfim (2015), onde os autores transcreveram as entrevistas, reconheceram unidades de significação simples, palavras, e frequência em que apareciam, buscando avaliar o significado das palavras de maneira independente ao contexto, palavras que transmitissem uma mensagem. Assim, os dados obtidos foram organizados e analisados mediante a categorização das informações colhidas, sendo analisadas as observações com auxílio do diário de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram acompanhados quatro palhaços que se revezavam no atendimento da instituição hospitalar observada, sendo apenas um fixo (nesse estudo esses participantes serão nomeados como A1, A2, A3 e A4 de modo a preservar suas identidades).

A partir das observações foram encontradas duas categorias temáticas para melhor discussão da atuação do palhaço, sendo possível reconhecer diferentes unidades de significado para cada categoria temática (conforme Quadro 1).

Humor/Chiste	Amparo
Brinquedo	Adesivo
Características do Paciente / Palhaço	Motivos da Internação
Piadas/ Charadas	Vivências e Experiências
	Melhoras/Expectativas de Alta

Quadro 1. Unidades de significado segundo categorias temáticas em relação à atuação dos palhaços

Atendimento com o Humor/Chiste

Freud ([1905] 1996) em seu texto “Os chistes e sua relação com o inconsciente” discorre sobre as situações onde o chiste se dá diferenciando-o do cômico. Para o autor, no cômico existe a hipótese do indivíduo rir por si e de si, sem a necessidade de outra pessoa, enquanto o chiste, por excelência prescinde de outro participante. O prazer do chiste é, portanto, sempre voltado ao outro, assim há um talento que vai além da inteligência em si, quanto à capacidade de se produzir um chiste que cause riso ao outro.

Nesse contexto, é possível analisar os palhaços, e no presente trabalho, especificamente os que atuam em hospitais. Sob o personagem “doutor-palhaço”, este se permite através do estranhamento que provoca no outro um acesso à possibilidade de ser engraçado; o erro e a confusão que pratica quando está atuando faz com que o paciente acabe dando acesso à sua técnica humorística, receba seus diagnósticos e chistes sem sentido, e se coloque numa posição de empoderamento (Sato, Ramos, Silva, Gameiro & Scatena, 2016), relação muitas vezes inconcebível no tratamento médico em si.

Ao humor, Freud no seu artigo com o mesmo nome ([1927] 1996), salienta a característica rebelde e não resignada que o mesmo tem, além da sua qualidade nobre, elevada e digna. O humor nesse sentido é o único que produz esta elevação e nobreza, comparado ao chiste. O chiste e o humor contribuem ao cômico, sendo que o primeiro se dá através do inconsciente e o segundo através da intervenção do superego. O indivíduo utilizaria o humor para melhor lidar ante a realidade muitas vezes cruel, colocando-se momentaneamente numa posição de superioridade e elevação, como se nada realmente importasse; sua essência é poupar o gasto do sentimento e o transformar em prazer humorístico. Para o autor o mesmo indicaria uma recusa do ego em afligir-se ante as provocações da realidade, buscando ainda a obtenção do prazer; é o “triunfo do narcisismo” e “invulnerabilidade do ego” (Freud, [1927] 1996, p.100). Freud vai além, afirmando que o humor é um recurso não patológico na busca que o ego faz pela rejeição das reivindicações da realidade e da efetivação do princípio do prazer. Há, portanto, um conforto por parte do superego ao ego intimidado ante às exigências da realidade (Freud, [1927] 1996).

Na presente pesquisa foi possível observar que os palhaços interagem com humor utilizando de diferentes meios: brinquedos, características pessoais ou dos pacientes, ou ainda através de piadas e charadas.

Os palhaços possuem **brinquedos** que fazem parte de sua atuação. Durante o atendimento eles usam desses brinquedos para aumentar o entrosamento com o paciente ou para ajudar em alguma piada. Também levam pequenos brinquedos, que são distribuídos após alguns atendimentos. Dos atendimentos observados em que foram utilizados esses brinquedos destaca-se uma atuação de A1, que conseguiu encerrar uma pequena discussão entre irmãos. Musa & Malerbi (2013) relacionam as técnicas lúdicas que os palhaços fazem com a diminuição, mesmo que momentânea, do medo e ansiedade do hospitalizado; o paciente ao participar deste “faz de conta” exercita sua capacidade de reinventar seu mundo, além de proporcionar divertimento e relaxamento. Há também aumento de interação entre os pacientes, visitantes e equipe; a postura do palhaço e suas brincadeiras tira o medo do ridículo, e mostra também a vulnerabilidade do ser humano.

Com a intenção de interagir com o paciente ou seus familiares/acompanhantes, os palhaços muitas vezes utilizam **características pessoais** destes, procurando enaltecer qualidades ou então usar como recurso de humor. Neste sentido é válida a aparência física, ou mesmo dados pessoais, como quantidade de filhos ou netos, idade ou do lugar onde nasceram. Para exemplificar momentos em que os palhaços utilizaram características enaltecendo o atendido, pode-se destacar uma situação em que o palhaço A1 elogia a cor dos olhos de um senhor dizendo que o paciente deveria fazer muito sucesso na juventude e o paciente demonstrou gostar do elogio. Outra maneira de obter o riso dos atendidos se refere a comentários que os palhaços fazem a respeito deles mesmos ou então de outro palhaço que está no mesmo ambiente, utilizando este recurso principalmente em situações onde os pacientes demonstram maior timidez ao interagir ou reserva em falar de si. É possível citar um atendimento onde o palhaço comparou sua beleza à de um ator famoso do cinema ou em outra situação, onde os palhaços brincaram a respeito da estatura de um dos integrantes da equipe, fazendo piadas a respeito. Conforme Ferreira (2013), o indivíduo, a partir do momento que assume a identidade do palhaço através da sua maquiagem e acessórios característicos, torna-se um transgressor dos valores vigentes, expondo-se como ser humano; faz de sua inadequação, do ridículo e fraqueza formas de desviar os olhares do outro das exigências de padrões vigentes. Esta liberdade ante o que se é esperado socialmente permite uma atuação imprevisível por parte do palhaço; podendo ir do terno ao rebelde, do alegre ao triste em questão de segundos, sem chocar o expectador. E a partir daí são quebradas as barreiras do expectador, que se mostra propenso ao transporte, mesmo que momentâneo, do alívio que o riso promove.

Embora nas demais unidades de significado do uso de **piadas**, charadas e afins também tenham sido apresentadas, devem-se apontar algumas situações em que tornaram-se protagonistas da interação. Foram observadas situações onde os palhaços se diziam especialistas em charadas, e perguntavam a resolução destas para os pacientes, a maioria com conteúdo ingênuo ou sem lógica muito aparente. Moraes (2008), ao fazer sua leitura do livro de Freud dedicado ao chiste (1905), indica que pelo raciocínio do autor o chiste é estruturado no inconsciente e por este motivo torna-se trânsito para que algo de seu conteúdo recalcado muitas vezes venha à tona, protegido pelo humor que o chiste intenciona; uma brincadeira de faz-de-conta que pode até conter algo de verdadeiro no conteúdo, mas que o sujeito ao qual a piada é endereçada, desconsiderada em prol da descarga de tensão que o riso oferece.

Além do Humor, outro tipo de atuação utilizada pelos palhaços foi o amparo, que está relacionado com o acolhimento. Segundo Moura, Guimarães & Luz (2013) o acolhimento faz parte da Política Nacional de Humanização; são realizados por encontros, onde o paciente pode ser visto como indivíduo com suas particularidades. Tais encontros possibilitam abertura ao profissional da saúde, podendo afeta-lo positivamente.

O acolhimento também é entendido como a aceitação das pessoas como são, com suas fraquezas e inseguranças que são ampliadas no ambiente hospitalar. Esses pacientes tem a necessidade de ser escutados e compreendidos para que seu sofrimento seja amenizado, devendo-se considerar fatores subjetivos e inconscientes que estão agindo no paciente em relação à experiência do adoecer. Há a importância de um agente catalisador de processos de humanização no ambiente hospitalar, que realize esse cuidado por meio do diálogo e da atenção; cita para este fim o psicólogo (Junqueira, 2003). Considera-se a presença do palhaço nesse processo, e há possibilidade de alusão, na sua forma ao lidar com os pacientes, visitantes e profissionais de saúde, ao que Winnicott conceitua como Holding:

A noção de holding na teoria winnicottiana é de extrema importância para o manejo clínico e o holding é compreendido como sustentação: sustentar determinadas experiências ao longo de um tempo sem interromper a experiência do paciente. Significa oferecer um ambiente/setting que sustente e permita o processo de integração do sujeito (Januário & Tafuri, 2010, p.62).

A interação através do amparo e acolhimento pode ser observada também de diferentes modos: através da utilização de adesivos, de questionamentos sobre os motivos da internação, vivências e experiências trazidas pelos pacientes, ou ainda em relação à melhoras e/ou expectativas de alta hospitalar.

Cada palhaço leva consigo duas ou mais cartelas de **adesivos**. Eles costumam dar aos pacientes muito debilitados, para aqueles que demonstram ansiedade em receber a alta ou ainda que farão em breve uma cirurgia importante. Os adesivos são sempre colados em um objeto pessoal do paciente para que ele possa levar caso mude de quarto. Os palhaços dizem que os adesivos são para ajudar na cura e alguns pacientes os relacionam com crenças religiosas. Kupermann (2010), afirma que para a psicanálise freudiana, a religião é uma tentativa de uso de mecanismos de defesa mais primitivos, de idealização narcísica de escapar da angústia gerada por sua condição de desamparo.

Essa idealização é responsável pela criação ilusória de uma divindade onipotente, esta que teria a capacidade de esclarecer qualquer questão, estabelecer a moral e oferecer proteção. Já o humor oferece a “desidealização”, demonstrando assim, ser uma ferramenta eficaz, pois não alimenta a arrogância tecnicista e impede pensamentos impostos pela idealização. Diferentemente, Duarte & Wanderley (2011), apontam a religião e a espiritualidade como recurso de enfrentamento e alento ante as dificuldades que os pacientes apresentam no ambiente hospitalar, uma forma de acolhimento que eles encontram. Nesta direção, levar em consideração sua religião também significaria prestar um atendimento humanizado.

Muitos pacientes preferem falar de suas **vivências** fora do contexto da internação. Sentem a necessidade de falar de seus parentes, das ocupações profissionais ou mesmo de coisas mais corriqueiras. Esse tipo de interação parece retirar o paciente daquela situação temporária de internação. Entre os vários casos, destaca-se uma senhora que começou a falar de seu falecido esposo desde quando o conheceu, detalhando toda a trajetória até o falecimento do mesmo, sendo acolhida pelos palhaços atentamente. Giuliano, Silva & Orozimbo (2009), falam da importância da presença da família e de profissionais da saúde, no período de internação do paciente, pois é necessário que esse indivíduo possa compartilhar sua dor, e assim amenizar a solidão do adoecimento. Possibilitando receber um cuidado de individualidade, dando liberdade para que possa contar e se recordar de si fora do ambiente hospitalar. Se esse cuidado for oferecido pelos profissionais da saúde, também haverá um fortalecimento de vínculo, fazendo com que esse período de adoecimento não seja tão árduo para o paciente.

Pacientes recém-chegados ao hospital, ou os que estão no aguardo de algum procedimento cirúrgico, tendem a querer contar os **motivos de sua internação**. Os palhaços não costumam focar nesses relatos a doença, preferindo conduzir o diálogo para a cura e outros assuntos, limitando-se a tratar da doença quando não é motivo grave ou em situações onde a alta é iminente. Durante as observações foi possível notar que alguns pacientes demonstraram a necessidade de falar do motivo da sua internação, após o relato demonstravam-se mais aliviados, e nestas situações os palhaços evitavam piadas, acolhiam os pacientes, os consolando e apostando em uma recuperação rápida. Segundo Caires, Esteves, Correia & Almeida (2014) (citando Valladares e Carvalho, 2006), com o lúdico os palhaços neutralizam os fatores negativos da doença, dando também a oportunidade de escape para o paciente; também é visto como um trabalho de prevenção, fazendo com que a experiência de internação no hospital seja melhor e não cause traumas.

No mesmo âmbito do quesito anterior, pacientes com maior tempo de internação tendem a comentar, ou mesmo exibir para os palhaços suas melhoras. Da mesma forma, comentam quanto suas **expectativas ao recebimento da alta médica**. Neste caso há tanto a angústia e ansiedade pela demora na liberação (nos casos de internações mais longas), quanto à alegria em contar que estão finalizando sua passagem pelo hospital, suas expectativas quando retornar a casa e às rotinas cotidianas. Para Marinho, Santos, Pedrosa, & Lucia (2005) a forma com que o paciente concebe sua vida está relacionada com a maneira que ele lida com o adoecimento e a expectativa de cura. Ao saber do seu adoecimento, o paciente age com enfrentamento ou evitação, de ambas as formas há um comprometimento emocional. Os pacientes que possuem crença e expectativa de cura apresentam maior motivação para a vida; o que faz com que o mesmo apresente aderência ao tratamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações do trabalho de palhaços no contexto hospitalar mostraram que através do lúdico é possível realizar um trabalho de humanização para pacientes adultos internados, lhes devolvendo parte de sua individualização: dando espaço para que o paciente possa falar de si, utilizando de brinquedos e piadas para fazer o paciente rir em um momento sofrido de sua vida e dando a esse o poder de recusa ao atendimento.

Os palhaços se demonstraram sensíveis às demandas dos pacientes, utilizando humor e amparo, inicialmente distinguindo qual é a melhor abordagem para cada paciente e assim utilizando dos recursos de cada paciente para lhe ajudar a ter uma melhor expectativa de tratamento e cura. Os pacientes aceitaram bem e também participaram das brincadeiras, dando espaço para “o brincar” e esquecendo por alguns instantes o ambiente em que estavam. Notou-se que alguns pacientes sentiam-se melhores apenas pelas visitas, principalmente em datas festivas.

Comparando a Política Nacional de Humanização do sistema Único de Saúde (PHN), e as observações de atendimento, conclui-se que é possível a humanização de pacientes adultos hospitalizados através do lúdico. Entende-se ser de grande relevância outros trabalhos desse segmento que possam comparar os dados observados com a visão do palhaço atuante.

NOTA

1 - Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>), Scielo (<http://www.scielo.br/>) e BVSAúde (<http://brasil.bvs.br/>).

REFERÊNCIAS

- Araújo, T. C. C. F. de, & Guimarães, T. B. (2009). Interações entre voluntários e usuários em onco-hematologia pediátrica: Um estudo sobre os "palhaços-doutores." *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(3), 632–647. doi:10.12957/epp.2009.9072
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo* (Edições 70 ed.). Lisboa.
- Beuter, M., & Alvim, N. A. T. (2010). Playful expressions in hospital care on the view of nurses. *Escola Anna Nery*, 14(3), 567–574. doi:10.1590/S1414-81452010000300019
- Caires, S., Esteves, C. H., Correia, S., & Almeida, I. (2014). Palhaços de hospital como estratégia de amenização da experiência de hospitalização infantil. *Psico-USF*, 19(3), 377–386. doi:10.1590/1413-82712014019003001
- Costa, S. C., Figueiredo, M. R. B., & Schaurich, D. (2009). Humanização em Unidade de Terapia Intensiva Adulto (UTI): compreensões da equipe de enfermagem. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 13(1), 571–580. doi:10.1590/S1414-32832009000500009
- Duarte, F. M., & Wanderley, K. da S. (2011). Religião e Espiritualidade de Idosos Internados em uma Enfermaria Geriátrica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(1), 49–53. doi:10.1590/S0102-37722011000100007
- Ferreira, A. L. R. (2013). Transgressão na máscara do palhaço. *Cadernos Virtuais de Pesquisa em Artes Cênicas*, 1(1). Recuperado de <http://www.seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/article/view/3039>
- Freud, S. (1996). Os chistes e sua relação com o inconsciente In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (v. VIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). O humor In Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (v. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Giuliano, R. C., Silva, L. M. dos S., & Orozimbo, N. M. (2009). Reflexões sobre o "brincar" no trabalho terapêutico com pacientes oncológicos adultos. *Psicologia: ciência e profissão*, 29(4), 868–879. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400016
- Januário, L. M., & Tafuri, M. I. (2010a). A relação transferencial com crianças autistas: Uma contribuição a partir do referencial de Winnicott. *Psicologia Clínica*, 22(1), 57–70. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100004
- Junqueira, M. de F. P. da S. (2003). A mãe, seu filho hospitalizado e o brincar: Um relato de experiência. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(1), 193–197. doi:10.1590/s1413-294x2003000100022
- Kuhn, T., Lazzari, D. D., & Jung, W. (2011). Vivências e sentimentos de profissionais de enfermagem nos cuidados ao paciente sem vida. *Rev. bras. enferm.*, 64(6), 1075–1081. Recuperado de <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=626565&indexSearch=ID>
- Kupermann, D. (2010). Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. *Psicologia Clínica*, 22(1), 193–207. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000100012
- Marinho, R. F., Santos, N. O., Pedrosa, A. F., & Lucia, M. C. S. (2005). Crenças relacionadas ao processo de adoecimento e cura em pacientes renais crônicos. *Psicologia Hospitalar*, 3(2). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092005000200005
- Marques, F. D., Sousa, L. M., Vizzotto, M. M., & Bonfim, T. E. (2015). A vivência dos mais velhos em uma comunidade indígena Guarani Mbyá. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 415–427. doi:10.1590/1807-03102015v27n2p415
- Morais, M. B. L. (2008). Humor e psicanálise. *Estudos de Psicanálise*. 114–124. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100014&lng=pt&lng=pt
- Moura, M. M. D. de, Guimarães, M. B. L., & Luz, M. (2013). Tocar: Atenção ao vínculo no ambiente hospitalar. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 17(45), 393–404. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832013005000011&script=sci_abstract&lng=es
- Mussa, C., & Malerbi, F. E. K. (2013). O efeito do palhaço no estado emocional e nas queixas de dor de adultos hospitalizados. *Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde*. ISSN 1413-4063, 21(1), 77–97. Recuperado de <http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/13584>
- Oliveira, F. M., Ramos, E. F. A. S., Lucena, R. F., Santos, F. P. de M., Bezerra, S. A., Loureiro, J. N. C., ... Viana, P. W. D. (2012). Recuperação imediata pelo riso: uma experiência clown. *Rev. Ciênc. Ext.*, 8(3), 75–85. Recuperado de http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/711
- Pasche, D. F., Passos, E., & Hennington, É. A. (2011). Cinco anos da política nacional de humanização: Trajetória de uma política pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(11), 4541–4548. doi:10.1590/s1413-81232011001200027
- Rodrigues, A. F. de A., & Nunes Filho, W. J. (2013). A utilização do palhaço no ambiente hospitalar. *ouvirOUver*, 9(1), 72–81. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/28127>
- Sato, M., Ramos, A., Silva, C. C., Gameiro, G. R., & Scatena, C. M. da C. (2016). Palhaços: Uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. *Payasos: Una revisión sobre el uso de esa máscara en el ambiente hospitalario*. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20(56), 123–134. doi: 10.1590/1807-57622015.0178
- Utsunomiya, K. F., Ferreira, E. A. G., Oliveira, A. M., Arai, H. T., & Basile, M. A. (2012). MadAlegria – Palhaços de hospital: Proposta multidisciplinar de humanização em saúde MadAlegria – hospital clowns: Multidisciplinary approach for health humanization. *Rev Med*, 91(3), 202–8. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/viewFile/58984/61969>

Um olhar psicanalítico sobre os laços afetivos na modernidade e a influência de aplicativos na construção de vínculos



Baixar artigo



Andreza Sehn Assis

deza656@hotmail.com

Psicóloga

Heid Helen Serra

heidhellen_16@hotmail.com

Psicóloga

Karoline Sampaio Goulart

karolgoulartbgs@hotmail.com

Psicóloga

Thais Hagge Corrêa

thaishagge.psicologia@gmail.com

Psicóloga

RESUMO

Com a finalidade de voltarmos o olhar e os estudos para a forma de se relacionar característica da atualidade - baseando-nos na teoria psicanalítica - e entendermos a influência que aplicativos para relacionamentos exercem sobre o desenvolvimento dos vínculos afetivos, realizamos uma pesquisa Qualitativa/Quantitativa, divulgando um questionário pela internet, para obtermos um número expressivo de repostas à cerca da opinião dos usuários sobre o mundo virtual, quando possibilita o conhecimento de novas pessoas. Entendemos que o uso de aplicativos é um meio de acesso que permite encontros e pode influenciar no modo veloz e frágil de se relacionar característico da atualidade. Através das pesquisas, identificamos que a busca e intenção de cada um é fator determinante para a construção de suas percepções de cada indivíduo que compõe o panorama social que constituímos.

Palavras-chave: Relacionamentos . Atualidade. Aplicativos . Tecnologia . Psicanálise

ABSTRACT

In order to focus our attention and our research on the way relationships work in actuality - based on psychoanalytic theory - and to understand how dating applications influence the development of affective bonds, we have decided to carry out a Qualitative / Quantitative research. A questionnaire was disseminated through the Internet to obtain the opinion of an expressive number of users regarding the virtual world, where it is possible to meet new people through dating apps. We understand that dating apps can influence the fast and fragile nature of relationships which is characteristic of current times. Through research, we have identified that one's search and intention are determining factors for constructing the perception of individuals who are part of our social panorama.

Keywords: Relationships . Actuality . Applications . Technology . Psychoanalysis

INTRODUÇÃO

Atualmente, a forma com que os relacionamentos se desenvolvem tem sido bastante discutida por diferentes razões e pessoas diversas, talvez pelo fato de trazer a representação de uma transformação de gerações. Neste artigo, pretendemos analisar, a partir da ótica psicanalítica, o quanto a utilização de aplicativos de relacionamentos pode ser influenciadora nas mudanças sucedidas. Pretendemos construir uma visão mais ampla e reflexiva sobre o desenvolvimento dos relacionamentos nos tempos atuais, analisar a influência dos aplicativos para relacionamentos na construção das relações afetivas e levantar os principais motivos que levam as pessoas a utilizar o mundo virtual para conhecer pessoas e se relacionar. Realizamos uma pesquisa Quali-Quantitativa, acreditando na importância do aprofundamento no tema, visto que o uso de inovações tecnológicas torna-se mais popular a cada dia.

A finalidade da pesquisa é que possamos entender a mudança nestas relações com uma linha teórica baseada na psicanálise e não analisarmos a tecnologia em si. Como já postulado por Freud (1921/2016), é de extrema importância que haja estudos sobre a afetividade e seus desdobramentos, acredita-se que na palavra “amor”, com suas múltiplas acepções, a língua fez uma síntese perfeitamente justificada, e o melhor a se fazer é tomá-la como base para nossas discussões e exposições científicas.

OBJETIVO

O principal objetivo desta pesquisa é analisar a transformação das gerações e seus vínculos afetivos, através do olhar da psicanálise. Para que assim, possamos chegar a uma visão global dos fatores que contribuem com as mudanças na forma de se relacionar e buscar novos parceiros entre as pessoas.

MÉTODO

Optamos por uma pesquisa quantitativa como instrumento de campo, através de um questionário online composto por 25 questões de múltipla escolha. A elaboração das perguntas para o questionário visa investigar o perfil dos usuários de aplicativos de relacionamento. O questionário ficou cerca de quinze dias disponível e sua divulgação foi feita através do Facebook e em grupos dentro do aplicativo Whatsapp, sendo respondido por 160 pessoas.

Realizamos também uma pesquisa qualitativa, para que pudéssemos aprofundar na história das pessoas que utilizam aplicativos para relacionamentos. Selecionamos uma amostra de 4 participantes, sem distinção de gênero ou idade, que se dispuseram a contribuir com o nosso trabalho, tendo como base as principais variáveis apresentadas durante a avaliação da pesquisa quantitativa. Temos a análise de conteúdo referente à entrevista, elaborada por um roteiro de 12 questões, realizada com 2 mulheres e 2 homens, de idade entre 18 e 30 anos e diferentes orientações sexuais. As entrevistas foram individuais, em caráter de sigilo de informações e tiveram duração de 1 hora. Para identificar os participantes, criamos nomes fictícios, seguido da idade e do sexo, identificado por M para Masculino e F para feminino.

DISCUSSÃO

A Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby, que afirma (1969/1990) a ideia de que manutenção de um laço é vivenciada como fonte de segurança, e sua renovação como fonte de alegria. Qualquer situação que possa colocar em risco o laço afetivo criado, provoca uma ação no sentido de preservá-lo. Ao longo do desenvolvimento sadio do indivíduo, o comportamento de apego tem como objetivo o desenvolvimento de laços afetivos, inicialmente gerados entre as crianças e seus progenitores e, posteriormente, entre adulto e adulto. (Bowlby, 1969/1990).

No contexto Psicanalítico, as questões ligadas ao surgimento do vínculo e suas influências, bem como ligações com as escolhas de um parceiro na fase adulta e sua visão sobre a sexualidade, é necessário que levemos em consideração o elemento básico e primordial, que embasa este caminho: O conhecido e polêmico Complexo de Édipo. Násio (2007) explica que o Édipo não é apenas uma “crise sexual de crescimento”, a experiência vivida pela criança no conturbado período Edipiano, fica registrada no inconsciente e será responsável pela definição da identidade sexual daquele sujeito, assim como traços de personalidade e aptidão em administrar conflitos afetivos. O Édipo é ao mesmo tempo realidade, fantasia, conceito e mito. Para a psicanálise, primordialmente uma fantasia.

Inúmeras mudanças ocorreram no âmbito social, econômico, político, religioso e cultural dos indivíduos desde que a interação e convivência de uns com os outros passou a ser conhecida como sociedade. Surgiram estudos sobre determinados períodos da história, que popularmente denominamos por Eras, e que trazem consigo evoluções e contemplam a transição de uma à seguinte, possibilitando uma caracterização sobre os marcos de cada tempo.

Até o século XVIII, os indivíduos eram submetidos à uma ideia de moral rigorosa, regida pelo poder da igreja e da pátria, que colocava o homem como autoridade e chefia da família. Para a mulher, restava a aceitação de uma repressão, onde não havia o direito de uma carreira profissional, a liberdade de expressão e a responsabilidade em cuidar dos filhos e da casa. Os índices de divórcios eram baixos e as relações duravam, na maior parte das vezes, todo o tempo de vida dos parceiros.

Com a Revolução Industrial e as duas Guerras Mundiais, constantes transformações ocorreram na sociedade e no entendimento por família, relacionamentos, cultura e papéis sociais. A figura feminina foi adquirindo maior espaço no âmbito social, a ideia de amor eterno foi modificada, a satisfação dos desejos tornou-se mais importante. Hoje em dia os relacionamentos podem ser menos duradouros, com maior índice de divórcios e menor tolerância a conflitos, porém há maior liberdade, igualdade e muitas vezes maiores possibilidades de alcançarmos a satisfação dos desejos pessoais individuais. Para Lipovetsky (1993/2005), houve uma nova forma de controle dos comportamentos, uma diversificação incomparável dos modos de vida e vivenciamos uma nova fase da história do individualismo ocidental.

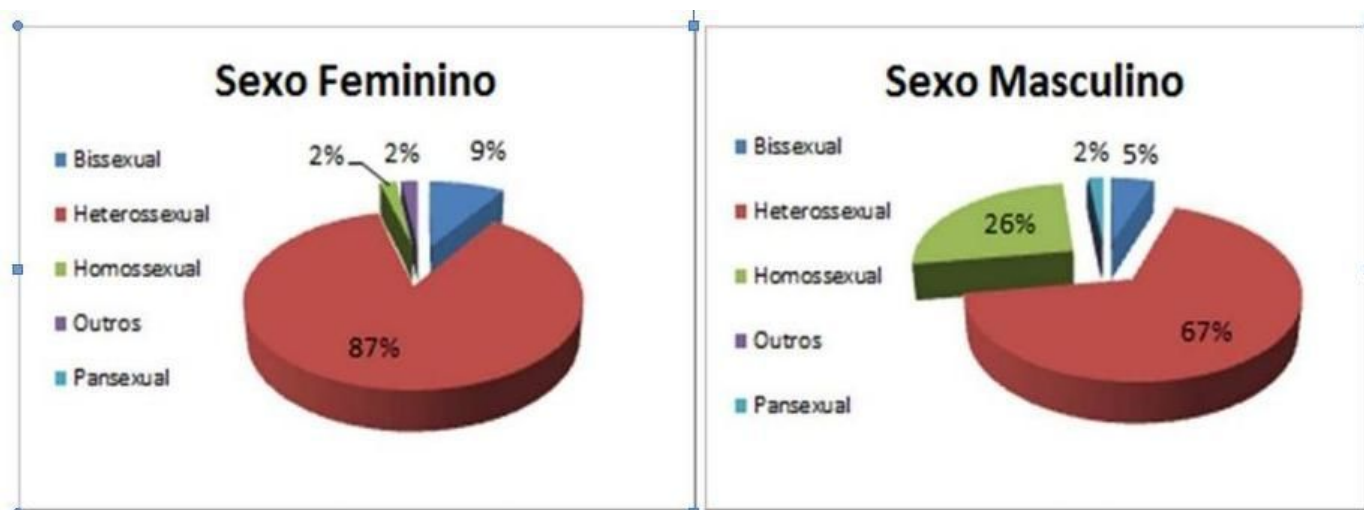
Conforme destacado por Bauman (1998), vivemos o tempo caracterizado pelas distâncias encurtadas, pelo imediatismo, pela instantaneidade, pela rapidez da informação e da satisfação dos desejos. As tecnologias do mundo pós-moderno têm cumprido muito bem com seu papel de proporcionar satisfação aos seus usuários. Estamos inseridos em uma cultura na qual a abreviação e aceleração dos relacionamentos tornaram-se comuns, produzindo indivíduos interessados em si mesmos e nas satisfações imediatas que podem tirar das relações.

Para Bauman (2004), é fácil entrar e sair dos “relacionamentos virtuais”, pois parecem ser simples de usar e compreender. Quanto maior for o número de informações recebidas, maior a necessidade de existir a uma espécie de seleção entre as pessoas. O que hoje é atual, amanhã poderá ser considerado como ultrapassado, pois a mudança constante é a característica chave de nosso mundo. Para Lipovetsky (1983), o medo de se ver entregue a paixões incontroláveis e de ser decepcionado, caracteriza “a fuga diante do sentimento”. Lasch (1979). A libertação sexual tem como objetivo erguer uma barreira contra as próprias emoções, possibilitando que as experiências afetivas sejam afastadas e vivenciadas com menor intensidade. (1983).

As relações são mais frágeis, partindo da ótica da força do vínculo estabelecido. Utiliza-se cada vez mais a tecnologia para otimizar a vida, e com isso temos a terceirização de relações humanas para as relações virtuais. O intermédio virtual por vezes torna os laços estabelecidos mais fracos, o compromisso com uma pessoa que “não conhecemos e/ou não convivemos pessoalmente” é menor, exige-se menos e é comum que as conversas ocorram com mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

Obtivemos 160 respostas no questionário. A diversidade de gênero possibilitou a análise imparcial das respostas. Com relação à escolaridade, a amostra da pesquisa resultou em pessoas que haviam concluído o ensino médio até ensino superior completo ou acima, com renda familiar variável entre 1 até mais de 10 salários mínimos. Constatamos que a utilização dos aplicativos de relacionamento é mais frequentemente adotada por adultos jovens, com idades entre 18 a 30 anos. Para Gasset (1930/2016), desde a época de sua publicação, trata-se de um fenômeno natural das transformações que a sociedade atravessa: a juventude é tida como dominante de toda situação. Os jovens em massa habitam com desenvoltura e liberdade para falar de seus movimentos e costumes.

Quando questionados quanto á orientação sexual, as respostas referem-se ao seguinte panorama:



Com relação ao estado civil, 89% dos questionados declarou-se solteiro, 7% casado ou em uma união estável, 2% divorciado e 2% assinalaram a resposta 'outros'. Dentre as 12 pessoas que afirmaram estar casadas ou em uma união estável, notamos que 9 ainda utilizam os aplicativos de relacionamento, mas alegaram que não pretendem mais utilizar a ferramenta e o motivo pelo qual ainda utilizam esse recurso é para fazer novas amizades, desenvolver um relacionamento casual ou relacionamentos unicamente sexuais.

Notamos que 42% das mulheres declararam usar os aplicativos de relacionamento para fazer novas amizades, enquanto apenas 19% dos homens compartilharam a mesma opinião. Ao contrário da maioria das mulheres, para 33% dos homens a utilização dos aplicativos serve para todos os fins, tais como: conhecer pessoas para novas amizades, iniciar relacionamentos casuais e eventuais ou para relacionamentos unicamente sexuais e até mesmo para iniciar um relacionamento sério. Somente 16% das mulheres compartilham da mesma opinião. O que nos leva a pensar que os homens percebem a utilização de forma mais ampla e diversificada, enquanto as mulheres possuem suas restrições individuais, conforme abordaremos adiante.

Ao investigarmos a ideia dos componentes da pesquisa quantitativa com relação ao objetivo dos demais usuários dos aplicativos, percebemos que para 79% dos participantes, as pessoas que utilizam estes aplicativos estão à procura de um relacionamento casual e eventual ou apenas para sexo. Tal percepção vai ao encontro com a maior parte dos entrevistados na pesquisa qualitativa, onde 3 dos 4 participantes acreditam que seja difícil conquistar um relacionamento sério através do mundo virtual. Ambos concordam que a maioria está lá para conhecer pessoas, sair, ter relações sexuais, ou por simples curiosidade, mas que são raros os casos que dão certo.

Em contrapartida, 59% da amostra referente à pesquisa quantitativa, ao ser questionada se acreditava que um relacionamento sério poderia acontecer através dos aplicativos, declarou acreditar que sim, já que essa ferramenta seria uma opção normal para se buscar parceiros de qualquer tipo. Encontramos aí uma contradição, o que nos faz pensar na hipótese de que ao responder o questionário, as pessoas não tiveram a oportunidade de ampliar suas respostas. Freud (1921/2016) cita que para Le Bon, na massa as construções próprias dos indivíduos se apagam e com isso a particularidade deixa de existir.

Somente 11% da amostra quantitativa acredita que as pessoas que utilizam esse tipo de aplicativo estão em busca de um relacionamento sério ou um namoro, assim como a minoria dos entrevistados (apenas uma participante) que possui a mesma opinião. Percebemos que há um sentido impactante quando Freud (1930/2016) postula que sob a pressão das probabilidades de sofrimento, os sujeitos costumam conter seus anseios à felicidade. Já que a satisfação absoluta de todas as necessidades seria a forma mais tentadora de viver, mas também significaria colocar o gozo à frente da cautela e do cuidado, originando o próprio castigo.

Quando questionados sobre a frequência que costumam utilizar os aplicativos, 50% dos participantes em geral, responderam que entram esporadicamente nos aplicativos, porém se cansam e acabam direcionando a atenção para outras coisas. Notamos que os aplicativos são muito utilizados para otimizar o tempo. Para Bauman (2004), quanto maior a quantidade de atenção humana e esforço de aprendizado forem aspirados pela variedade do mundo virtual, menos tempo haverá de dedicação à obtenção das desenvolturas do mundo não virtual.

Quando questionados sobre o futuro, a maioria das pessoas respondeu que não se imaginam utilizando os aplicativos de relacionamento para estabelecer encontros daqui a 10 anos, porque não conseguem se imaginar ainda precisando desse tipo de recurso para conhecer novas pessoas, ou porque, até lá, esperam ter encontrado aquilo que estão buscando. A maior parte das respostas aponta que esperam encontrar alguém para o futuro.

O resultado da pesquisa qualitativa nos mostra que o uso destes aplicativos, acaba gerando um relevante grau de expectativa nos usuários, conforme podemos observar nos discursos abaixo:

Agente sempre espera conhecer assim, uma pessoa pela internet, do nada. (Renata)

Meu objetivo é conhecer pessoas novas. E aí, quem sabe poder ter algum tipo de relacionamento. (Mariana, 24^a, F.)

Quando da meet é legal, uma sensação boa. Tipo: Ah, gostou de mim (...) dá uma sensação legal de talvez conhecer a pessoa (... como se fosse ficar com essa pessoa. (Rafael)

Estou solteiro (risos) vamos ver depois o resultado do aplicativo. (Leandro)

Tal expectativa é comum nessa era da liquidez, pois mesmo inseridos em uma cultura na qual a abreviação e aceleração dos relacionamentos tornaram-se normais, as pessoas procuram com quem relacionar-se e com quem possam contar. Frustração e expectativa parecem caminhar juntas nos diálogos dos participantes. Enquanto buscam conhecer pessoas com quem tenham interesses em comum, 3/4 cita ter se frustrado nos relacionamentos anteriores e essa frustração frequentemente se repete na experiência com os aplicativos e têm a ver com o que procuram no mundo virtual da afetividade. (Bauman, 2004)

Para os que se consideram mais extrovertidos, sociáveis e que saem com maior frequência, obtendo assim também mais oportunidades de conhecer pessoas através do “mundo real”, a visão sobre aplicativos para relacionamento acaba sendo mais positiva e as experiências são descritas com maior naturalidade. Já para aqueles que se enxergam como mais introvertidos e não sociáveis, o uso dos aplicativos passa a ser uma possibilidade – por vezes a única – de conhecer pessoas, se relacionar, fazer amizades, ter com quem conversar e receber certo tipo de atenção. Consequentemente, sua a visão sobre os aplicativos é mais negativa e as experiências são descritas como frustrantes.

Quando questionadas sobre a vida amorosa e sexual no futuro, 42% das mulheres que responderam a pesquisa quantitativa respondeu que gostaria de estar casada dentro de uma relação monogâmica. Frente a esse mesmo questionamento, somente 36% do sexo masculino tem a mesma expectativa. Para outra parcela da pesquisa, composta por 24% do sexo feminino e 28% do sexo masculino, morar junto com o seu parceiro é aquilo que imaginam para o futuro, não sendo necessária a formalização do casamento. Ao comparar as duas pesquisas, observamos que, frente à forma de se relacionar e conhecer pessoas, confrontando o presente e o passado, o resultado de ambas expressou que a maioria acredita que a forma de se relacionar mudou e que isso ocorreu por conta da facilidade que a tecnologia fornece e da maior liberdade existente hoje, entre outras modificações que a sociedade sofreu com o tempo.

Quando a gente pensa no passado, estando agora nessa tecnologia toda, pensamos no quanto era difícil, é muito diferente. Hoje as pessoas estão mais disponíveis ...eu acho que antes as pessoas conseguiam se dedicar mais aos relacionamentos, era melhor que agora. As coisas estão muito fáceis de se conseguir. Antes a gente podia conversar com as pessoas, hoje não acontece mais de sentar e conversar, a gente tem preguiça. (Renata)

Eu acredito que era um pouco mais sério antes, as pessoas pensavam mais em namorar, ter uma relação séria juntos quando uma gostava da outra. Hoje em dia, acho que mesmo gostando da pessoa, a galera está mais desprendida. Não quer se preocupar em ter um compromisso. Hoje em dia está mais fácil de se relacionar. Antigamente o pensamento era muito quadrado, a pessoa tinha medo de fazer algumas coisas. Hoje em dia o pessoal faz o que tem vontade e não fica preso. (Rafael)

Hoje em dia a gente conhece uma pessoa e já fica com ela, já se envolve ali naquele momento e depois nunca mais vê . Antigamente era completamente diferente, tinha toda uma espera e envolvimento. Hoje, pelo menos se for ruim o negócio, a pessoa não for boa de papo, não for boa de cama e se o beijo não for bom, você já descobre rápido, mas isso acaba tornando as relações um pouco vazias. Porque antigamente você tinha vontade de realmente conhecer a pessoa, saber como ela é. Hoje em dia, não. As pessoas só querem saber de beijar, transar. É tudo uma coisa de um instante, um minuto. (Mariana)

Antes era mais difícil, por limitar os meios. Hoje a possibilidade é ampliada, posso selecionar pessoas. Acho que ficou mais fácil. Mas é limitador e determinista demais. (Leandro)

Freud (1930/2016) escreveu que boa parte de nossas misérias e infelicidades são decorrentes do que chamamos de civilização, seríamos mais felizes se a deixássemos de lado e voltássemos às condições primitivas, pois entende que tudo aquilo com que nos protegemos da ameaça do sofrer, é parte dessa civilização.

Ao serem questionados na pesquisa quantitativa, se recomendariam o uso de aplicativos de relacionamento para alguém que procura um relacionamento, 34% do sexo feminino e 40% do sexo masculino afirmaram que recomendariam, pois existem muitas possibilidades, sendo hoje a melhor forma de conhecer pessoas, e não usar esse instrumento é como ficar fora do mundo. Contudo, segundo 29% dos homens, os aplicativos de relacionamento só seriam recomendados para quem estivesse buscando relações casuais sem compromisso e caso quisessem algo mais sério, deveriam buscar outras formas. Nesse sentido, somente 23% das mulheres tem a mesma opinião dos homens. Para o público feminino, composto por 26% do total da amostra da pesquisa, não haveria recomendação dos aplicativos de relacionamento, pois entendem que devem ser encarados como o último recurso, por isso não recomendariam para alguém que estivessem buscando uma pessoa para se relacionar. Em contraponto, somente 10% dos homens compartilham da mesma opinião que as mulheres.

Encontramos uma contradição durante as entrevistas, onde ao conversarem com colegas que possivelmente quisessem iniciar a utilização dos aplicativos, todos os participantes incentivariam e diriam que vale a pena. Relataram que apoiariam seus amigos, porém seus discursos vieram sempre acompanhados de um “mas”. Cuidado e paciência foram as palavras que mais apareceram, no momento que pedimos para que aconselhassem estes interessados em fazer o download do aplicativo. Foi comum falarem que não sabem quem é a pessoa no outro lado do celular e quais suas intenções. Apontaram a dificuldade em encontrar alguém com uma conversa legal e a necessidade de ter paciência. Evitar encontros em lugares que não sejam públicos antes de criar uma intimidade com o possível parceiro também foram conselhos que surgiram em todas as respostas.

Quando perguntamos se as pessoas que estão nesses aplicativos são confiáveis 58% das mulheres declararam que sim, porém com receio, pois são poucas as pessoas em quem se pode confiar hoje em dia. 41% dos homens compartilham da mesma opinião. Da mesma forma, tal recomendação para as mulheres apareceu nas entrevistas, pois ao pensar em indicar o uso de aplicativos, 3 dos 4 entrevistados diriam para ter cuidado.

Quando questionados se já haviam se relacionado com uma pessoa que conheceram através do aplicativo por mais de 3 meses, 40% dos participantes do sexo masculino responderam que não, mas que gostariam de se relacionar. Enquanto somente 33% das mulheres teriam essa mesma expectativa. 31% dos homens declararam que já haviam se relacionado por mais de 3 meses com pessoas que haviam conhecido através dos aplicativos, e que tal experiência havia sido boa. Porém, somente 24% do público feminino declarou ter tido uma experiência boa. Alguns entrevistados trouxeram a questão de preconceito em conhecer alguém pela internet. Um participante relatou, inclusive, que uma garota que gostou, não quis continuar o relacionamento por terem se conhecido em aplicativo. Outra entrevistada nos disse que mesmo se relacionando há três meses com um rapaz que conheceu no aplicativo, não consegue contar para os pais.

Sobre o motivo pelo qual utilizam os aplicativos de relacionamento 53% respondeu que utilizam por acharem prático, rápido, moderno e por se tratar da opção mais disponível no momento. Já 24% prefere tentar virtualmente estabelecer o primeiro encontro e assim não perder tempo. Os aplicativos aparecem como facilitadores das relações. A rotina cheia e agitada propicia otimização do tempo, na Era em que vivemos, significa muito. Há a ideia de que se estão todos lá, a probabilidade de encontrar alguém é maior. Ao mesmo tempo que trazem essa inovação como facilitadora, contrapõem a dificuldade de achar alguém interessante a ponto de que a relação seja mais profunda.

Eu acho que é uma forma que facilita você conhecer um maior número de pessoas, ao mesmo tempo é um pouco superficial. Porque a maioria das pessoas está interessada em arrumar alguma coisa superficial, nem interessadas em fazer uma amizade mesmo e nem namorar. É um negócio meio estranho. Mas acho que é válido (Rafael)

Gera um questionamento: O que está acontecendo com as relações pessoais? Eu não sabia mexer, então quando baixei, dei like em todo mundo. É legal você conversar só com quem você curtiu e ao mesmo tempo curtiu você, mas na minha opinião, tem muita gente lá, de certa forma isso é negativo. Uma perda, as pessoas não se relacionam mais pessoalmente. (Renata)

Eu acho que os aplicativos ajudam muito, pois dão a oportunidade de conhecer pessoas, mas não vejo os aplicativos como uma forma e oportunidade de conhecer pessoas, de fato é muito superficial. (Leandro)

Podemos pensar que há aceitação de que o mundo é desta forma, um novo conceito de normalidade, que ultrapassa a individualidade. Mesmo não achando que seja o melhor, os indivíduos assumem essa posição considerando que esta é o modo como as coisas são e que as relações acontecem.

Os participantes concordam ao associar os aplicativos com a vaidade, superficialidade, exposição e uma propaganda de si mesmos. Pois são selecionados ou descartados, a partir de suas fotos e descrição de perfil. Freud (1930/2016) de certa maneira nos explica esse acontecimento quando nos diz que a felicidade na vida é buscada no gozo da beleza, onde quer que ela apareça aos nossos sentidos e julgamento. Justifica com o fato de que a beleza das formas, dos gestos humano, objetos naturais, paisagens, criações artísticas e científicas, são formas estéticas que não oferecem extrema proteção contra a ameaça de sofrer, mas que compensa uma série de coisas. Ele postula também, que a "beleza" e a "atração" são características do objeto sexual. O discurso é diferente entre os participantes solteiros e a participante que possui um relacionamento sério. A visão e percepção de cada um, sobre o que os outros buscam e apresentam no aplicativo, é tida através do que eles mesmos buscam. Vemos isso, quando Renata, que passou a namorar depois de seu primeiro encontro com uma pessoa do Tinder, acrescenta que não buscava aparência e status. Pelo contrário, quando via homens muito bonitos e com alto poder aquisitivo, descartava antes mesmo de conversar, pois sabia que não eram reais e que teriam muitas outras mulheres com o mesmo desejo. Já os participantes que estão solteiros, relatam ao contrário:

O conheci e ele era aquela pessoa que você conhece e rola empatia das ideias e da forma de falar. Mas você vê que não é bem parecida com a foto, enfim. Não rola. (Leandro)

Uma pessoa legal para encontrar no aplicativo, seria uma pessoa bonita, que tivesse os mesmos gostos que eu.

Os diálogos demonstram que existe uma esperança por relacionamentos, ainda que seguida de uma série de frustrações, fazendo com que digam não acreditar nesta possibilidade na maioria das vezes. Uma explicação para isto, é o fato de que a opinião e a visão de cada um sobre o uso deste meio para se relacionar são tidas a partir da experiência individual de cada um, e não apenas de uma análise geral. Presumimos que desta forma o indivíduo tente fazer parte de uma massa que aposta na utilização destes aplicativos, desconsiderando suas experiências que não foram bem-sucedidas.

Quando perguntamos aos participantes a forma que conheceram os aplicativos e o que os motivou a baixar, todas as respostas referiram-se aos amigos, que os incentivavam e aconselhavam, pois era um meio de conhecer novas pessoas.



As mulheres complementam, dizendo que tinham amigas que começaram um relacionamento sério desta forma. O que pode vir nos dizer, que inconscientemente, este era o real desejo delas. Todos apontam a busca por alguém que apresente características e ideais em comum, um parceiro com os mesmos gostos, visão política, hobbies e estilo de vida.

Ao falarem sobre a possibilidade de criar um aplicativo acham que o ideal seria uma ferramenta na qual pudessem alcançar maior seletividade, de acordo com o que há em comum com cada um deles. Mariana colocaria filtros, para que pudesse haver uma escolha do parceiro a partir do gosto musical, visão política, lugares que gostem de frequentar. Rafael filtraria por gostos, como pessoas que gostam de praia, pois se houvesse uma separação, seria mais fácil encontrar a pessoa certa. Leandro daria a oportunidade de que os usuários pudessem filtrar por esportes e grupos de acordo com as escolhas alimentares. Renata daria a oportunidade selecionar quem tem filhos, quem quer namorar, pessoas que fumam, etc. As pessoas estão buscando pares que sejam iguais a elas mesmas. Assim, os grupos ficariam cada vez mais restritos e menos diversificados. Novamente cairíamos na demanda que traza a questão da liquidez, velocidade e descarte, onde os próprios sujeitos que apontam como fatores negativos, contribuem para que estas sejam características da pós-modernidade, tempo em que vivemos.

Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre exigências individuais e aquelas e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas que que concernem ao seu próprio destino, a questão de se este equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel. (Freud, 1930/2016, p.58)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos a Era onde é a ambivalência que predomina nosso tempo, ela está presente até mesmo no discurso dos indivíduos, visto que consideram os relacionamentos mais superficiais, frágeis e menos duradouros; mas reconhecem que a liberdade de escolha, as facilidades adquiridas e o direito de expressão são essenciais para que haja satisfação e um possível ideal de felicidade. Os aplicativos representam possibilidades, em meio a tantos acessos que temos hoje em dia.

Almejamos exposição em busca de reconhecimento e popularidade, mas em contrapartida, acabamos "presos" a uma "virtualização" que nos obriga a nos escondermos por trás das redes. Tudo é mais fácil e proporcionalmente tão rápido; A velocidade dos acontecimentos atropela a necessidade de vivenciarmos certas angústias; intensidade contrapõe durabilidade. Digital substituiu o olhar. Vivemos de excessos para que possamos evitar as nossas faltas; condenamos o passado e tememos o futuro. Por fim, o tocante está especificamente ligado ao que se dispõe e busca cada um em sua singularidade.

Em tempo, as histórias e experiências únicas de cada pessoa, podem determinar seus caminhos, percepções e até mesmo a função que aplicativos para relacionamentos pode ter.

A que ponto as coisas estão diferentes? Será que a angústia, presente em grande parte dos componentes de nosso tempo, já não existia no passado, porém caracterizada de forma diferente e talvez até mais reprimida? Gostaríamos de finalizar com o questionamento feito por Silva (2005) em sua apresentação sobre a obra *A Era do Vazio* de Lipovetsky (1993), que traduz de forma bastante real a reflexão que pretendemos gerar ao leitor que até aqui nos acompanhou:

Estamos no vazio ou no excesso? Vivemos um tempo extremo ou num novo e instável equilíbrio? Caminhamos no fio da navalha e cortamos os nós que nos prendiam a um passado cheio de correntes e de moralismo? Entramos numa fase de descabro ético ou, finalmente, estamos pondo os valores a serviços dos homens e não os homens a serviço de uma moral da submissão? Atravessamos a fronteira do bem e do mal e ingressamos num deserto de certezas ou descobrimos que nossas verdades universais eram valores locais universalizados? (Silva, 2005, p. 9)

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2000/2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Bezerra, P. V., & Justo, J. S. (2010). Relacionamentos amorosos na pós-modernidade: análise das consultas apresentadas em sites de relacionamento amoroso. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 4, n. 2, p. 193-204.
- Borges, C. C., Magalhães, A. S., & Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3), 89-103.
- Bowlby, J. (1969-1990). *Apego e Perda: a natureza do vínculo* (v.1). 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Cruz, R., & Silveira, J. (2012). Redes Sociais Virtuais de Informação sobre Amor. In CID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, 3(1), 146- 167.
- Freud, S. (1914-2010). *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Cia das Letras.
- Freud, S. (1921-2014) *Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos*. São Paulo: Editora Cia das Letras
- Freud, S. (1930-2010). *O Mal-Estar na Civilização: Novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos*. São Paulo: Editora Cia das Letras.
- Gasset, José (1930-2016). *A Rebelião das Massas*. Editora Vide Editorial
- Hintz, H. (2001). *Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. Pensando famílias*. Eletrônica, 3, 8-20. Porto Alegre.
- Kumar, K. (1997). *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lipovetsky, G (1983-2005). *A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Brasil: Manole.
- Miranda, C. E. S., & Ramos, J. D. S. (2012). *A fragilidade dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade*. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais.
- Nasio, J. D. (2005/2007). *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Schmitt, S., & Imbelloni, M. (2011). *Relações amorosas na sociedade contemporânea*. Psicologia PT.
- Sousa, S. G., Moreira, V. R. P., & Riverson, R. I. O. S. (2016). *A liquidez da sociedade pós-moderna: uma análise das relações sob a perspectiva do Tinder*. São Paulo.
- Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicologia: teoria e prática*, 15(2), 33-45. Recuperado em 18 de setembro de 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200003&lng=pt&tlng=pt
- Zimmerman, D. E. (2010). Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas. Porto Alegre: Artmed.

SEÇÃO CONJUNTURA

Clínica Aberta de Psicanálise

Vivemos um momento de grandes impasses políticos, econômicos e ecológicos que exigem da psicanálise o deslocamento de suas crenças originais de modo a escutar as singularidades das experiências contemporâneas.

A Clínica Aberta de Psicanálise vem do desejo de um grupo de analistas de que a psicanálise possa existir para além do consultório privado, de forma acessível e ampla na vida da cidade, intervindo nas condições de vida existentes a partir do entendimento do que é a vida inconsciente.

Os atendimentos são gratuitos e acontecem aos sábados às 11h, 12h, 13h e 14h por ordem de chegada. Locais: 1- Praça Roosevelt, junto ao pergolado, ou, em dias de chuva, no café sob esta estrutura de madeira e no Espaço Sátiros. 2- Casa do Povo (Bom Retiro).

clínica aberta de psicanálise

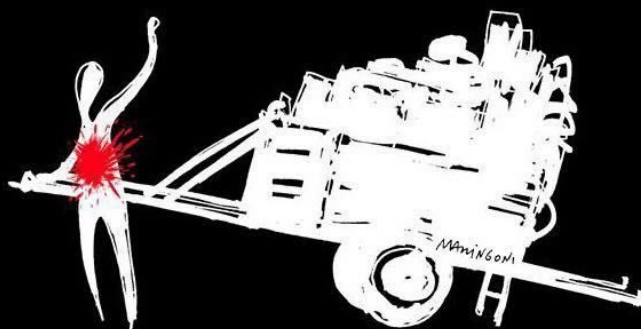


NOSSOS SENTIMENTOS

EXPRESSAMOS NOSSOS SENTIMENTOS PELO FALECIMENTO DE RICARDO NASCIMENTO, VÍTIMA DE VIOLÊNCIA POLICIAL. NO DIA 19/07/17 FOI REALIZADA MISSA EM SUA HOMENAGEM NA CATEDRAL DA SÉ.

19/7/17, QUARTA-FEIRA, ÀS 12H, NA CATEDRAL DA SÉ

MISSA EM HOMENAGEM A
RICARDO NASCIMENTO
(1978-2017)



LUTO E INDIGNAÇÃO POR TODAS AS
VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA POLICIAL

EXPRESSAMOS NOSSOS SENTIMENTOS PELO FALECIMENTO DE WELSON BARBATO, OCORRIDO NO DIA 17/07/17. BARBATO ERA PSICANALISTA. ASSISTA UMA DE SUAS VÍDEO AULAS:



ERA UMA VEZ UM ENSINO!

CARTA-MANIFESTO EM RELAÇÃO ÀS MUDANÇAS DO ENSINO NA FMU

INICIAMOS NOSSA CARTA-MANIFESTO COM ESSA AFIRMAÇÃO. MAS A QUAL ENSINO ESTAMOS NOS REFERINDO? NOSSO OLHAR ESTARÁ PAUTADO AO LONGO DESSAS BREVES PALAVRAS SOBRE O ALICERCE IDEOLÓGICO, ÉTICO E POLÍTICO DE PAULO FREIRE, PEDAGOGO RENOMADO, CONHECIDO POR SUA REVOLUÇÃO E HUMANIZAÇÃO NA ÁREA DA EDUCAÇÃO, AO NOS APRESENTAR UM ENSINO PAUTADO EM POSTURAS HORIZONTAIS, DIALÉTICAS E NÃO DITATORIAIS OU MANDATÓRIAS.

INFELIZMENTE, PRESENCIAMOS ATUALMENTE O SOFRIMENTO DOS ALUNOS DOS DIVERSOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DAS FACULDADES METROPOLITANAS UNIDAS (FMU), EM SÃO PAULO, ESPECIFICAMENTE AQUELES MAIS PRÓXIMOS A NÓS, OS ALUNOS DO CURSO DE PSICOLOGIA.

APÓS A VENDA DA FMU PARA O GRUPO INTERNACIONAL LAUREATE, MUDANÇAS COMEÇARAM A OCORRER. ATÉ ENTÃO, TAIS MUDANÇAS SÃO ESPERADAS EM RAZÃO DO PROCESSO DE COMPRA E VENDA DE QUALQUER “NEGÓCIO” OU “EMPREENHIMENTO”. O QUE CHAMOU A ATENÇÃO FORAM AS MUDANÇAS QUE IMPACTARAM NÃO APENAS QUESTÕES DE ORDEM SOMENTE ADMINISTRATIVA, MAS DA QUALIDADE DO ENSINO, DENOTANDO PREJUÍZOS E PERDAS SIGNIFICATIVAS À FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ALUNOS.

PARA ILUSTRAR ALGUMAS MUDANÇAS, PODEMOS CITAR O CORTE DE SUPERVISORES DA ÁREA NO ESTÁGIO DE TRIAGEM QUE OCORRIA NOS 7º E 8º SEMESTRES DO CURSO DE PSICOLOGIA. ANTES, A CADA DEZ ALUNOS, UM SUPERVISOR FICAVA RESPONSÁVEL PELO GRUPO, ORIENTANDO E SUPERVISIONANDO OS ALUNOS DENTRO DE UM PERÍODO DE 1H40M SEMANAIS. VALE LEMBRAR QUE A TRIAGEM ERA O PRIMEIRO MOMENTO EM QUE OS ALUNOS SE ENCONTRAVAM COM UM PACIENTE. OUTRO DETALHE IMPORTANTE É QUE A TRIAGEM ERA A PORTA DE ENTRADA DA CLÍNICA-ESCOLA, PORTA ABERTA A QUALQUER TIPO DE QUEIXA E DEMANDA, COMO, POR EXEMPLO, PACIENTES COM TENTATIVAS DE SUICÍDIO, TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS GRAVES E DEMAIS FORMAS DE SOFRIMENTO HUMANO.

Após a venda da FMU, o estágio de triagem passou a contar com um número limite de apenas dois supervisores por sala de aula, independente do número de alunos. Dessa forma, grupos de "supervisão" chegaram a uma média de 35 alunos para serem "supervisionados" em apenas 1h40m semanais. Após essa mudança, outras tantas ocorreram e infelizmente nenhuma que pudesse ser vista e avaliada como benéfica para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, sem contar a qualidade dos serviços prestados à comunidade, fator que não está em pauta neste momento, embora também merecesse atenção.

Outras mudanças graves ocorreram, como a redução da carga horária pela metade das supervisões dos estágios de último ano. Para termos uma ideia, grupos com uma média de 12 alunos passaram de quatro horas-aula para duas horas-aula de supervisão. Se utilizarmos a matemática, iremos nos deparar com números absurdos, ou seja, temos 1h40m para 12 alunos o que daria, aproximadamente, cinco minutos para cada aluno apresentar o atendimento do seu caso e três minutos para o professor supervisionar, sem contar questões burocráticas, como lista de chamada, entre outras atividades pertinentes. Aqui, perguntamos a base em que esta "pedagogia de síntese" foi pautada. Como alunos do último ano, inexperientes, geralmente com medos e ansiosos, poderiam sintetizar um atendimento na clínica-escola ou em instituições parceiras em cinco minutos? Como um supervisor, por mais habilidoso e experiente que fosse, conseguiria de fato supervisionar casos e situações por vezes graves em três minutos? Será que, de fato, sendo bem realista, a supervisão do caso ocorreria? Será que os alunos, nesse momento tão importante da formação, realmente se sentiam respaldados e minimamente seguros para atenderem aos pacientes? Será que a instituição estava preocupada com a qualidade do serviço prestado? O que passou a importar desde então?

Como se não bastasse a redução na carga horária dos estágios, a nova mantenedora anunciou no final deste semestre (julho de 2017) que as disciplinas teóricas também teriam suas cargas horárias reduzidas, impactando no desligamento de mais de 250 professores, segundo dados do sindicato responsável. Com isso, os professores que permaneceram vinculados à instituição teriam suas cargas horárias reduzidas e com isso reduções salariais. Vale ressaltar que em nenhum momento foi ofertado aos alunos algum tipo de desconto ou redução das mensalidades, embora não se trate somente de questões financeiras, mas da qualidade do ensino.

Diante disso e de outras inúmeras mudanças que ocorreram, os alunos começaram a se organizar na tentativa de reverter tais mudanças percebidas como prejudiciais e antiéticas. Iniciaram inúmeras tentativas de diálogo. Alguns alunos certamente correram o risco de serem vistos como resistentes às mudanças ou simplesmente “rebeldes”. Nesse momento, lembremos as palavras de Freire em A pedagogia do oprimido:

Uma das questões centrais com que temos de lidar é a promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é o ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica na dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. (Freire, 1996/2014, pp. 76 e 77)

A manifestação dos alunos ganha mais força e tal gesto é visto, aqui, como sinal de saúde, de luta por um sonho e por um direito. Entendemos que esses alunos lutam pelo direito de viver um Ser e Fazer democráticos. Para Freire, uma autoridade democrática valoriza a liberdade, jamais a minimiza ou vê em sua essência qualquer nuança de deterioração de algum tipo de ordem. Pelo contrário, a autoridade denota que a “A disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta” (p. 91).

Alguns pedidos provavelmente foram feitos aos alunos e professores, por meio de frases empresariais prontas, como de que esse seria um momento de “adaptação” para todos. A violência contida em tal pedido denuncia o movimento de sucateamento sofrido por esses alunos dentro de seu processo de ensino-aprendizagem. Como Charles Chaplin muito bem nos demonstrou no filme Tempos Modernos, a linha de produção, a adaptação à máquina de fazer dinheiro, a alienação em tal prática chega, infelizmente, ao campo do ensino. Questionamos se caberia aos alunos, professores e demais funcionários se adaptarem às mudanças?

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história. (Freire, 1996/2014, p. 53)

Dessa forma, Freire (1968/1987), em A pedagogia do oprimido, ensina que alunos, professores e o próprio ensino não podem ser coisificados e que ninguém educa ninguém, mas sim que o processo educativo se dá no encontro humano, onde educador e educando participam do processo educativo como pares, mediados pelo mundo no qual estão inseridos. Dentro desse novo escopo de ensino, infelizmente, não vemos essa possibilidade de encontro ensinante ocorrer. Pelo contrário, o ambiente nada facilitador desmonta cruelmente tal possibilidade, como um castelo de areia ao vento.

Diante disso, manifestamos aqui nosso total repúdio às mudanças que vêm ocorrendo nessa instituição e apoiamos os alunos que lutam para terem de volta um ensino de qualidade, que sejam respeitados, como alunos, mesmo como clientes e como seres humanos. Em prol de uma qualidade de ensino e do não sucateamento da aprendizagem, eis nosso protesto.

Prefiro ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgredir a própria ética. (Freire, 1996/2014, p. 126)

REVISTA PATHOS

www.revistapathos.com.br

Todo conteúdo de mídia (imagens, vídeos e som) inserido na Revista Pathos foi retirado da internet (domínio público). Os artigos publicados foram enviados pelos respectivos autores e as informações inseridas nos mesmos são de responsabilidades dos mesmos.